



OLGIATO.

OLGIATO,

TRAGEDIA EM CINCO ACTOS,

POR

D. J. G. de Magalhaens.



RIO DE JANEIRO,

TYPOGRAPHIA IMPARCIAL DE F. PAULA BRITO.

—
1841.

A' MEMORIA

DE MEU RESPEITAVEL PAI

PEDRO GONSALVES DE MAGALHAENS CHAVES,

SUA ALMA SUBIO A DEOS

EM 12 DE OUTUBRO DE 1841,

VIVEO ENTRE OS HOMENS 86 ANOS E 6 DIAS;

DEIXOU A SEUS FILHOS

EXEMPLOS EDIFICANTES

DE TODAS AS VIRTUDES CHRISTÃS.

PROLOGO.

O argumento desta Tragedia é tirado da historia Milaneza; historicos são os personagens, os factos e exemplos citados, e alguns episodios proprios deste genero de Poemas.

Em 1476 gemia Milão debaixo do ferreo jugo do Duque Galeazzo Sforça, filho de Branca Visconti, e do celebre *Condottiere* Francisco Sforça, de quem diz Machiaveli (1) que a fim de poder viver como grande seuhor em tempo de paz, não só enganou os Milanezes, que o tinham a seu soldo, como roubou-lhes a liberdade, e fez-se seu soberano.

No meio da geral corrupção, tres jovens gentis-homens, Geronimo Olgiato, Carlos Visconti e André Lampugnano, excitados pelos discursos de seu mestre Colas Montano, determinaram assassinar o Duque, libertar a patria, restituil-a á sua antiga forma de governo, e vingar ao mesmo tempo particulares offensas.

(1) Arte de guerra, liv. 1^o.

Era Galeazzo em extremo cruel, immoral e devasso; e uma irmã de Olgiato tinha sido victima sua. Feio retrato delle nos faz Machiavelli na sua historia Florentina (1); igual se lê na das republicas Italianas de Sismondo de Sismondi; e ainda se pode ver este caso na resuniada obra de Carlos Botta. Todos os historiadores e chronistas, entre estes Bernardo Corio secretario de Galeazzo, concordam em pintal-o com tão negras cores, que o collocam entre os frios monstros que a humanidade aviltam.

Conferindo os historiadores, tracei o plano desta obra, conformando-me o mais possivel com a verdade do acontecido, e só tomando a liberdade necessaria para o natural enredo dramatico. Evitei a presença do Duque por incompativel no meu plano; elle não faz parte da acção. apenas é um objecto externo a que ella se refere. E por que ja houve quem porisso amargamente me censurasse, como si de rigor devessem apparecer em scena todas as pessoas de que nella se trata, citarei a tragedia de Corneille (auctor bemquisto de classicos e romanticos) a qual tem por titulo—Pompeo—sem que nella tenha parte este horóe.

Si eu introduzisse Galeazzo em scena ver-me-hia forçado, para conformar-me ao gosto do tempo, a dar-lhe o

(1) Era Galeazzo libidinoso e crudele, delle quali due cose gli spessi esempi l'avevano fatto odiosissimo; per-chè non solo non gli bastava corrompere le donne nobile, che prendeva ancora piacere di publicarle; nè era contento fare morire gli uomini, se con qualche modo crudele non gli ammazzava. Non viveva ancora senza infamia d'aver morto la madre, etc. Machiavelli, L. VII.

seu torpe e infame character, o que além de vexar o actor que o interpretasse, incommodaria os espectadores, e offenderia a moral publica, cousa de que tão pouco entre nós se cuida; será talvez ninio escrupulo de minha parte. Mas, que jogo de scena poderia haver com um tigre que ia direito ao crime, de que alardeava? Que linguagem e acções daria eu a um tyranno, que se não fartava de devassidão, em quanto não saboreava a desesperação dos pais e dos maridos, por elle convertidos em ministros, e testemunhas de sua propria deshonra? Tyranno tão vil que entregava aos soldados de sua guarda as moças nobres que profanava; que fazia enterrar vivas algumas de suas victimas; que a outras forçava a nutrir-se com fezes humanas, deixando-as assim morrer lentamente com este regimen, e misturando feroz zombaria ao supplicio que ordenara? Monstro, que repellio sua virtuosa Mãe, e causou-lhe a morte! Tal era o Duque Galeazzo Sforça! E quereriam os apaixonados da *realidade natural* vel-o assim em scena?

Não citarci Racine; ouçam o mestre, em cuja auctoridade se appoiám. Mr. Victor Hugo, (1) distinguindo a realidade segundo a arte, da realidade segundo a natureza, diz: «ha inconsequencia (*etourderie*) em confundil-as, como fazem alguns partidistas do *Romantismo* pouco adiantados. A verdade d'arte jamais poderá ser, como pertendem muitos, a realidade absoluta.» Ora si para o todo é assim, o mesmo deve ser para suas partes.

Permittam tambem que en cite a auctoridade de um

(1) Prologo do Cromwel, Drama.

grande Pilosopho — «Posto que a arte seja livre (diz Mr. Cusin)» (1), não pode com tudo escolher outro fim que não seja a belleza moral; nos meios do exprimir é que está a liberdade da arte. Assim todo o artista que tomando em serio a natureza, contentar se em copial-a fielmente, cairá da fileira de artista para a dos obreiros.»

Mas dirão ainda. — Podias modificar o character de Galeazzo, fazel-o melhor, para que, sem grande escandalo, entrasse no Drama. — Mas eu não pertendi compor um Drama, sim uma Tragedia (não sei si estaremos de accordo sobre as essenciaes differenças dos dous generos). E si me era permittido fazer um Galeazzo diverso do historico, um Galeazzo da minha fantasia e ideal, não poderei tambem deixal-o, quando de sua presença não necessito?

Supponham que estava Galeazzo enfermo em uma cama, ou em alguma quinta, quando uacidade occultamente tramaram a conspiração. A acção é completa e perfeita, para que pois me fallam em Galeazzo?

Não posso de modo algum acostumar-me com os horrores da moderna escola; com essas monstruosidades de caracteres preternaturaes, de paixões desenfreadas, e ignobeis, de amores licenciosos, de lingoagem requintada, á força de querer ser natural; em fim, com essa multidão de personagens e de aparatosos *coups de theatre*, como dizem os francezes, que estragam a arte, e o gosto, e convertem a scena em uma bacanal, em uma orgia da ima-

(1) Cours de Philosophie : sur le fundement des idées absolues du Vrai, du Beau et du Bien.

ginação, sem fim algum moral, antes em seu damno: vem a pello observar que por isso, e só por isso excluiu Platão da sua republica os Poetas imitadores da má natureza, dando com tudo a entrada n'ella aos lyricos, que tecem hymnos em honra dos Deoses, e louvores aos grandes homens; (1) com igual fundamento declamou *J. J. Rousseau* contra o theatro, e oppoz-se á seu estabelecimento em Genebra. *Madama de Staël*, menos severa que os dous philosophos, diz com tudo. (2) Todos os affectos dos homens pensantes tendem a um fim razoavel; só merece verdadeira gloria o escriptor que faz servir as emoções a algumas das grandes verdades moraes.

Não faltemos mais nisto; e si *Mr. V. Hugo* (3) pertende que o Poeta deve *procurar, não o bello, sim o caracteristico*, reduzindo desta arte a Poesia a um *Daguerrotyp* de palavras, não faltará quem lhe responda, que o caracteristico serve á Poesia, mas não a constitue, e que outra é sua missão. Vamos ao enredo.

Não me desgosta o emmaranhamento e complicação do enredo dramatico, nem me desagrade a barafunda romantica; mas dou todo o devido apreço á simplicidade, energica e concisão das tragedias de *Alfieri* e de *Corneille*.

Tragedia e Drama cousas são differentes; cada qual pede sua critica especial, como a historia e a chronica,

(1) Republica de Platão. Livro x.

(2) De la litterature considerée dans ses reports avec les institutions sociales. Cap. v.

(3) Prologo do *Cromwel*.

o geral e o individual, a moralidade e o facto, o necessario e o contingente: não que se excluam os termos das antitheses, mas o predominio de uma destas cathegorias constitue as differenças das duas composições.

Posto seja mais difficil compor uma tragedia com assumpto simples e poucos enterlocutores, sobeja com tudo mais occasião ao Poeta para mostrar seu genio, condicção essencial de toda a obra de imaginação; então, na falta de complicação que fascina a attenção, e illude a curiosidade infantil, é mister para a belleza do Poema grandeza de caracteres, sublimidade de pensamentos, energia de estylo, pureza de lingoagem, e movimento necessario; o que de certo tudo isto reclama mais genio, e verdadeiro entusiasmo. Verão os meus censorbs que longe de remover as difficuldades, com ellas luctei, e si não sigo em tudo os principios da moderna escola dramatica, não é por ignoral-os, senão porque nem todos me parecem acertados. Em conclusão, mostre genio o Poeta, não offenda a moral, empregue seu talento para despertar os nobres e bellos sentimentos d'alma, e escreva como quizer, que será estimado.

ELOGIO,

POR OCCASIAÕ DA RESTAURAÇÃO E ABERTURA DO THEATRO DE
S. PEDRO DE ALCANTARA, DO RIO DE JANEIRO, NO FAUSTOSO
DIA 7 DE SETEMBRO DE 1839, ANNIVERSARIO DA INDEPEN-
DENCIA DO BRASIL; RECITADO PEEA NOVA ACTRIZ MARIA
DA GLORIA VIEIRA.

Adornado com pompa já-mais vista.
De novo se ergue o magestoso Alcáçar,
Por doricás columnas sustentado.
D'entre o pó, que o desleixo semeára,
De novo as Artes florescentes surgem,
Para saudar com jubilosos hymnos
O Dia do Brasil, da Terra nossa.
Salve, oh Dia da Patria!... Egregio Dia!
Oh SETE DE SETEMBRO! Nunca o olvido
Extinguir poderá tua memoria.

O echo da Voz Forte inda resda
Nas ferteis margens do sereno Rio,
Que a imagem reflectio, banhou os labios
D'Aquelle que bradou: — INDEPENDENCIA!
Inda resda a voz da Liberdade,
E nunca deixará de ser ouvida.
Qual se diz que de Orphee a doce lyra

Homens, brutos, e pedras attrahia,
 Assim, um Povo inteiro ao mago accento,
 Os ferros sacudindo, alçou a fronte
 E ao Mundo se ostentou unido — e livre.

Mas ah! e quem sou eu, tímida joven,
 Para agora prestar meu debil orgam
 A um canto digno de canoras aves
 Mas affeitas á luz do ethereo campo?
 Eu, que devêra só pedir indulto
 Pelò primciro vôo, mal seguro,
 Venho orgulhosa recordar taes feitos,
 Que n' alma embebem santo enthusiasmo!...
 Ah! não importa... valha-me este Dia,
 Valha-me o grande amor que aqui me arrasta,
 E mais que tudo valha-me o MONARCHA,
 Cujó Angelico Rosto me proteje,
 Entre as DUAS ESTRELLAS que o ladêam.

E vós, Concidadãos, vós Bello Sexo!
 A' vista das riquezas que vos cercam,
 D'estas obras do Genio, das sublimes
 Producções do Pincel, (1) que vos dá gloria,
 Desculpai este único defeito,
 Esta flor murcha n'um jardim viçoso
 Olhai, tudo é por vós, quanto aqui vedes!
 Por vós deram-se as mãos homens briosos,
 E off'recendo seus bens, suas fadigas,

(1) Allude á pintura do Theatro, dirigida e executada pelo Sr.
 M. de A. Porto Alegre.

PROLOGO.

Co' a protecção da Patria, restauraram
Este Templo das Artes, onde as Musas
Enfeitam a Moral co'os seus incantos.
Franqueadas estão da Gloria as portas!
Venham agora os predilectos filhos,
Interpretes sublimes dos segredos
Das humanas paixões; esses que o fogo
Da santa inspiração não prostituem
Ante o altar do vicio ou da lisonja,
E, fieis á missão por Deos imposta,
Por entre os guinchos de agoureiras aves,
Ovantes sobem da Memoria ao Templo;
Venham elles agora, cubiçosos
De ser no patrio ninho celebrados,
Dar ao Brasil Corneilles e Racines.
Não só das longes, europêas plagas
Celebrem-se entre nós d'Arte os primores;
Não se diga — que só a Natureza
E' grande no Brasil, que é nada o Homem.
A Patria por vós chama; — vinde, oh Vates!!
Vinde, oh Genios, honrar a Terra nossa!!!
Fuja a discordia e o odio; de nós fuja
Essa inveja mordaz, que tudo estraga,
Essa inveja que róe, não edifica;
Essa inveja que impede, que se louve
O Merito e a Virtude, e é qual verme
Que corta o grelo da nascente planta,
Que devêra brotar gostosos fructos.

Ah! não vistes o Sol d'este aureo Dia?!....

Pois por elle, nós hoje vos pedimos
Que não negueis á Patria o genio vosso.

MAGNANIMO SENHOR! Vida e Santelmo
D'esta Não que vacilla na tormenta!
Oh Anjo Protector, nossa Esperança!
Que futuro de gloria Vos aguarda!
De Vós está pendente a nossa dita.
Co' uma palavra Vossa, co'um sorriso
Podeis dar ao Brasil o que os Pericles
Deram á Grecia, os Médicis á Italia,
E o Decimo Leão á sabia Roma.
Erga-se e brilhe Vosso Augusto Nome
Acima d'esses que apregða a Fama.
Regai, SENHOR, regai este terreno,
Que o Ceo abençoou: — Não faltam flores
Para esmalte do Vosso Excelso Trono,
Só falta a protecção do Vosso Braço:
Forçai que Vos proclame o Mundo inteiro
— O SALVADOR DO IMPERIO BRASILEIRO.

OLGIATO.

INTERLOCUTORES.

OLGIATO	}	Nobres Milanezes.
CARLOS VISCONTI...		
LAMPUGNANO.....		
MONTANO.....		Professor publico.
ANGELINA.....		Irmã de Visconti.
SILVANIA		Aya de Angelina.

Estudantes, povo, tropa, etc.

A scena é em Milão em 1476.

Foi esta Tragedia representada pela primeira vez, na abertura do
Theatro de S. Pedro d'Alcantara, no dia 7 de Setembro de 1839.

OLGIATO.

ACTO PRIMEIRO.

Vista de sala em casa de Visconti, com janella no fundo para a rua.—Angelina assentada juncto de uma mesa com um livro na mão; Silvania em pé, em posição de quem ouve.

SCENA I.

ANGELINA E SILVANIA.

ANGELINA.

Que versos tão sublimes !.. Que energia
Tem Dante nas pinturas horrorosas!
Oh! e tão grande genio foi proscripto,
E em Ravena morreo longe da Patria!
Com que nobreza vingam-se os poetas,
E na propria vingança honram a terra,
Que os vio nascer, e que lhes foi ingrata,
Enchem de medo, e opprobrio os inimigos,
E cingidos de louro á gloria sobem !
Oh! Dante! oh Dante! si existisses hoje
Com que novos, terriveis episodios
O teu inferno não se accumulára !

SILVANIA.

Muito amais esse livro!

ANGELINA.

Elle me encanta,
 Naõ só pelas bellezas da poesia,
 Como pelas liçoens que delle extrábio.
 Si hoje houvesse um poeta como o Dante
 Creio que eu o amaria, como nunca
 Mulher amou.

SILVANIA.

Tão grande é o vosso affecto
 Para os poetas!

ANGELINA.

Quanto, quanto invejo
 De Beatriz a sorte ! Oh venturosa
 A mulher, que de um vate o peito inflamma,
 E ufana dizer pode : — elle me adora ;
 Entre seus pensamentos elevados
 Su'alma pensa em mim, por mim suspira.

SILVANIA.

Sim, de certo ; até eu quando vos ouço
 Ler esse livro, fico o auctor amando.

ANGELINA.

E quem pode deixar de amar o genio? (*ouve-se
 um rumor do povo que corre na praça ; e de-
 pois tenidos de cadeias de presos encorrentados
 que passam ; Angelina levanta-se assustada*).

Mas que é isto, Sylvania? Tu não ouves
Hum rumor, que na praça se levanta?

SILVANIA.

Ouçõ, Senhora... e cada vez se augmenta!

ANGELINA.

Não ouves o tinido de cadeias,
O tropel de cavallos, e a celeuma
Do povo revoltado?

SILVANIA.

Si podemos

A' janella chegar, e n'um momento
Saber o qu'isso é, por que estaremos
Duvidosas aqui adivinhando?
Eu vou ver. (*dando alguns passos para a janella*).

ANGELINA.

Não... espera.

SILVANIA.

Que reccio

Sem causa alguma assim vos sobressalta?

ANGELINA.

Em Milão estou sempre temerosa.

SILVANIA.

Esse temor agora é sem motivo.

ANGELINA.

Tu não conheces bem esta cidade.

As sedições agora são frequentes
Por toda a Italia.

SILVANIA.

Aqui não ha perigo.

Talvez esse motim seja da tropa,
Que passa pela rua, e dos paisanos
Que correm para vel-a... Eu já vos digo. (*abre
a janella*)

ANGELINA.

Sempre estou triste, inquieta, e pensativa.

SILVANIA.

Vinde ver!.. vinde ver!..

ANGELINA.

O que?..

SILVANIA.

Depressa!..

Oh! coitados!...

ANGELINA.

Que susto me causaste!..

SILVANIA.

Quanta gente, Senhora, encorrentada!

ANGELINA.

Desgraçados! nem eu me animo a vel-os!

SILVANIA.

Olhai, Senhora, — até um pobre velho!..

OLGIATO.

ANGELINA.

Nenhuma idade aqui é respeitada.

SILVANIA.

Que crimes esses homens commetteram
P'ra soffrer tal vexame?

ANGELINA.

Só Deos sabe

Si elles são criminosos. — As correntes,
Que esses homens arrastram, deveriam
Prender o tigre, que em Milão governa.

SILVANIA.

Senhora, que dizeis?

ANGELINA.

Digo o que penso,

E o que devia ser.

SILVANIA.

Que mal tão grande

O Duque vos causou?

ANGELINA.

Tu não conheces

Esse Duque, esse monstro abominavel.

Não vês como a cidade está deserta?

Como reina o terror na Lombardía?

Em Milão ninguem vive satisfeito.

O Duque cada dia se assignala

Por um crime que avilta a humanidade.
 Não causam mais terror a peste e a guerra.
 Não viste agora mesmo tantos homens
 Cobertos de cadeias, macerados,
 E expostos á irrisão do baixo povo,
 Que só pode folgar com taes horrores ?

SILVANIA.

Ahi vem vosso irmão.

ANGELINA.

Sai da janella.

SCENA II.

ANGELINA, VISCONTI, E SILVANIA.

ANGELINA.

Visconti, o que ha de novo ?... Não respondes !

VISCONTI (*afflicto*).

Minha irmã !... Não hei dito tantas vezes
 Que á janella não chegues? — Tu procuras
 Tua propria deshonra, e a de teu mano !
 Não te lembrás que o infame Galeazzo
 No crime infatigavel, tem espias
 Per toda a parte, — e que não poupa a virgem
 Nem a esposa mais casta !—E si o destino
 Permittir que elle saiba que aqui moras
 Serás logo marcada em sua mente
 P'ra saciar-lhe o ardor do vicio infando!

Sempre pensei que a voz da própria honra
Te fizesse cumprir os meus dictames,
E que mister não fôra renovar-te
Preceitos, que aprazer-te deveriam.

ANGELINA.

Caro irmão, não presumas que meu peito,
Menos que o teu a honra estima, e guardã.

VISCANTI.

Então, p'ra que te expões ?

ANGELINA.

Eu não me exponho ;
Sei guardar-me melhor do que me guardas :
Essas exprobações eu não mereço ;
Nem preciso que o irmão de pai me sirva.

VISCANTI.

Assim é que tu pagas meus cuidados !
O que fôra de ti sem o soccorro
De um braço varonil, que defendesse
A natural fraqueza de teu sexo ?

ANGELINA.

Teu braço varonil nunca servio-me.

VISCANTI.

Minha irmã !.. tal discurso...

ANGELINA.

Não te offronta.

OLGIATO.

VISCONTI.

Não me offronta!.. Angelina!... Que proferes?
Que dizes tu?

ANGELINA.

O mesmo que tu sabes.

VISCONTI.

Cuidas que eu posso ouvir-te á sangue frio? (*Fa-
zendo um accionado de colera para Angelina*)

ANGELINA (*com ironia*).

Agora sim, te eu vejo cavalleiro!...
Desembañha a espada, não recues.

VISCONTI.

Angelina!... Angelina!... Não me insultes...
Que significa então essa ironia?

ANGELINA.

Que significa?.. Queres qu'eu te ensine
Quaes os deveres são, que cumprir debes?
Montano que t'os diga, elle é teu mestre,
Não eu fraca mulher, a ti sugeita.

VISCONTI.

Angelina, eu não sei porque motivo
Tratas o teu irmão com tal desprezo?
No que me podes censurar?.. Que faltas
Commetti, sem qu'eu saiba, em meus deveres?..

Deixei já de velar em tua guarda?
Ou sou algum domestico tyranno?

SILVANIA. (*entrando*).

O senhor Olgiato...

ANGELINA.

Adeos; eu me retiro
Fallaremos depois com mais socego. (*Retiram-se
Angelina e Silvania*).

VISCONTI.

Não posso adivinhar seu pensamento.

SCENA III.

VISCONTI, E OLGIATO (*entrando*).

OLGIATO.

Amigo!

VISCONTI.

Já tardavas.

OLGIATO.

Tu bem sabes
Que estive com Montano, nosso Mestre,
E em sua companhia as horas voam.

VISCONTI.

Hontem com elle estive, e si não fosse
Minha irmã, cuja honra zelar devo,
Com elle inda estivera.

OLGIATO.

OLGIATO.

Men Visconti

Tu não sabes o quanto hoje perdeste!
 Nunca Montano esteve tão sublime.
 Que eloquencia de fogo, que vehemencia,
 As palavras nos labios lhe ferviam!
 Não parecia um velho; — o mesmo accento
 Mais sonoro encantara, — era um Propheta!
 Não ha outro Montano neste tempo!

VISCONTI.

Que me dizes, amigo?

OLGIATO.

E tu perdeste!

E tu perdeste!... Que pezar eu tive.

VISCONTI.

Mas sobre que versou hoje o discurso?

OLGIATO.

Sobre o estado actual da nossa patria,
 Sobre este estado horrivel, lamentavel
 Que ás almas generosas envergonha.

VISCONTI.

Sim?...

OLGIATO.

Depois de ter feito um breve quadro
 Das fórmãs de governo, e das virtudes
 Que, por assim dizer, as constituem,

Montano nos pinton a flicidade
Dos povos livres, onde as leis só reinam,
Onde não ha senhor, nem ha vassallo,
Nem causas pessoaes, por que se lucte ;
Mas cada qual sujeito por vontade
Antepõe a justiça ao interesse,
E alegre sacrifica-se ao bem publico.
Depois o seu dizer documentando
C'os exemplos que a historia ampla recorda,
Elevou-nos a mente a esses tempos
Da Grega, e da Romana liberdade.
Mostrou-nos como Esparta, como Athenas
Gniadas por heróes, por homens livres
Com pouca gente combatter sabiam
Numerosos exercitos de escravos.
Lembrou-nos os Liônidas, os Phocios,
Aristhides, Melciades, Pericles,
E outros muitos heróes que o mundo espantam ,
Cujos rivaes só foram homens livres,
Filhos de Roma, dessa patria angusta
Dos Brutos, Scipiões, Catões, e Cassios.
Mostron-nos como as artes floreceram,
Sem outro apoio mais que a liberdade ;
Como a Philosophia leis dictava,
Sem medo dos tyranuos oppressores:
E citou-nos mil nomes de poetas,
De artistas, de philosophos, de sabios

Que honram a humanidade, e gloria deram
 A esse curto espaço de terreno,
 Cuja lembrança os despotas aterra,
 Euvergonha os escravos, e proclama
 Em alto brado a força do homem livre.
 Depois mostrou-nos como extincta a fonte
 Que alimintava o tronco das virtudes,
 Tudo murchou, morreo, caio a um tempo
 Artes, lettras, sciencia, força, e gloria.

VISCONTI.

Eis porque os tyrannos não consentem
 O exercicio livre da palavra,
 Que tanto imperio tem sobre alma humana,
 Por um sabio orador bem dirigida.

OLGIATO.

A palavra é o dom mais precioso
 Da humana essencia: o laço que nos une,
 E nos levanta a Deos, que nos fez livre;
 A palavra é a voz da intelligencia,
 Celeste influxo de um Poder Divino,
 Que nos extrema deste lodo inerte.
 A palavra é de Deos; — e nós devemos
 D'ella usar sem temor, e com franqueza
 P'ra sustentar os nossos sacros fóros.
 Si a palavra os tyrannos amedronta,
 E' porque da verdade organo terrivel

Seus excessos condemna, e ensina aos povos
 A vingar seus direitos conculcados.
 Desgraçado do povo onde a palavra
 Morre co'a intelligencia, de que é filha!

VISCONTI.

De que serve a palavra ao povo escravo,
 Que da gloria não cura, embrutecido
 Co'as vexações de um perfido tyranno?

OLGIATO.

Si as lições de Montano ouvisse o povo,
 Galeazzo hoje mesmo não vivêra,
 Ou teria o caminho arripiado

VISCONTI.

Não ouve o povo de Montano as vozes;
 Mas nós o que fazemos? — nós, que o ouvimos?..

OLGIATO.

Nós?... Nós o que fazemos?... Sim, é justa
 Essa pergunta, que me faz de pejo
 Corar as faces, e tremer de raiva.
 O que fazemos nós, que mais que todos,
 Lamentamos do povo a cobardia?
 Nós somos uns cobardes falladores;
 Merecemos o opprobrio em que vivemos;
 Somos todos escravos... Murmurando,
 Nós mordemos os ferros, que nos prendem,

Sem podermos quebral-os...

VISCONTI.

Caro amigo,

Eu soffro como tu; e a cada instante
Me lanço em rosto a propria cobardia:
Mil planos formo na irritada mente,
E ao mesmo tempo um não sei que me prende.
Reflecto, considero...

OLGIATO.

Acaso temes

O exito da empreza?

VISCONTI.

Nada temo

Por mim mesmo. Eu encaro o horror da morte
Com aquelle denodo com que outr'ora
Catão o ferro ergueo contra seu peito...
Mas...

OLGIATO.

O que?

VISCONTI.

Uma irmã, cujo destino,
Cujo amparo reclama a minha vida
O animo me rouba. — Oh quantas vezes
Tenho amaldiçoado esta existencia!...
O sangue em minhas veias se revolta...

Eu nasci para ser um novo Bruto,
 E sou escravo!... oh misero Visconti!
 Minha irmã!.. ella só é quem me prende.

OLGIATO.

Agora vejo, meu prezado amigo,
 Que tua alma em valor excede a minha!
 De confusão me cubro ante teus olhos.
 Tu por causa da irmã a vida presas,
 Vives p'ra defendel-a; — eu, que infamia!
 Não defendi a minha, nem vinguei-a!
 Si irmã tu não tivesses, talvez hoje
 Milão a ti devesse a liberdade;
 E eu, que irmã ja não tenho, a irmã querida,
 Victima triste do cruel Galeazzo,
 Que a honra lhe roubou, eu inda vivo,
 Sem ao menos vingar tão grande affronta,
 E ao mesmo tempo libertar a Patria
 De um jugo tão pesado, e tão ignobil.
 E' um remorso que me rói o peito,
 Uma lembrança que me aseda a vida.
 Ja não procuro desculpar-me: eu trago
 Sobre a fronte, patente aos olhos todos,
 Esta infamia, que em vão desfazer busco.
 E que sempre apparece, como um sello
 Per impia mão gravado... oh que vergonha!
 E ante a face do mundo ousou mostrar-me. (*Cobre o*
rosto co as mãos).

ACTO I.

3

Olgiato. — meu amigo, inda és tão joven!
 Vinte e tres annos tens agora apenas;
 E quando tua irmã foi insultada
 O que eras tu, ? e o que fazer podias ?
 Eras, a bem dizer, uma creança.

OLGIATO.

E' talvez essa a unica desculpa
 Com que ainda possa atenuar meu crime ;
 Crime, sim, de não ter a irmã vingado ;
 Si é que hoje posso merecer desculpa.

VISCONTI.

Não és, amigo, o unico queixoso.
 Qual é a bella esposa, ou qual solteira
 Formosa, e nobre, que em Milão não fosse
 Pelo vil Galeazzo profanada?
 Quantos irmãos, e paes, quantos esposos,
 Que opposeram ao monstro resistencia,
 Não foram manietados, testemunhas
 Do crime horrendo? E quantos não morreram
 De desesperação, de dor, de angustia?
 Quantas virgens, depois desta deshonra,
 Não foram pelo monstro abominavel
 Entregues á perversa soldadesca ?...
 Entretanto ninguem lembrou-se a inda

De dar ao monstro a inerecida pena'
De tantos crimes. Todos se lamentam,
Nenhum teve o valor de castigal-o.

OLGIATO.

Esse valor só cabe em almas nobres
De homens livres, e não no peito escravo.
A servidão geral é como a peste,
Que aos mesmos são terror, fraqueza inspira.
Ha muito que combato esse contagio,
Que me extingue o valor, e me acobarda.
Mas eu juro por Deos, que cedo ou tarde
Heide ao Duque ensinar que não tão facil
Se pisa o collo do leão que dorme.
Hoje se curva o povo, e mudo soffre ;
Amanhã pode ser que elle desperte
Como o leão, de colera bramando,
E de sangue sedento.

VISCONTI.

Eu nada espero
Deste povo corrupto.

OLGIATO

Si no povo
Não confias, em mim confia ao menos.

VISCONTI.

Qual é o teu intento? qual teu plano?

OLGIATO.

Meu intento é vingar a mim e a Patria,
 É dar um novo exemplo á humanidade.
 Quanto ao plano, indicioso estou na escolha.
 Meios não faltam de tirar a vida
 A um tyranno devasso, rodeado
 De tantos inimigos; mas eu quero
 Que uma revolução lhe dê a morte.
 E não a occulta mão de um assassino.
 Não; não é minha causa que eu sustento,
 Não é o homem que se vinga de outro;
 E' a causa do povo e da justiça.
 E eu talvez seja apenas o instrumento,
 O organ da Divina Providencia.
 Muitas vezes cuidamos que senhores
 Somos de nossos feitos, mas de cima
 Vem o celeste impulso, que nos move.

VISCONTI.

Eu louvo esse teu nobre enthusiasmo,
 Digno de heroicos tempos; e Deos queira
 Que por muito escolher um meio heroico
 Não arrisques a causa, e a propria vida.
 Hoje applaudem-se os Brutos, si triumpham.
 Mas si na nobre empreza elles perecem,
 Co'o labeo de assassinos são manchados.
 Em fim, o vencedor inda que injusto
 E' acclamado heroe.

OLGIATO.

21

OLGIATO.

Isso que importa?

Não quero ser herói, nem busco fama
Em troca de uma morte. A Providencia
Mais bondadosa foi para comigo,
Meu norte é a justiça, e não a gloria.
Tanto que houver formado bem meu plano,
Sem temor heide á risca executar-o,
E ás mãos de Deos entregarei o resto.

VISCONTI.

Vem, digno amigo, abraça-me. (*vai abraçal-o, e Sil-
vania apparece*).

O que queres?

SCENA IV.

OS MESMOS E SILVANIA.

SILVANIA,

O senhor Lampugnano vos procura. (1)

VISCONTI.

Manda-o entrar. (*Silvania retira-se*).

Convem guardar silencio

Posto que Lampugnano amigo seja.

(1) Lampugnano, pronuncie-se Lampunhana.

OLGIATO, VISCONTI E LAMPUGNANO.

LAMPUGNANO (*afflicto*).

Vivam !

VISCONTI.

Bem vindo sejas.

OLGIATO.

Como passas ?

LAMPUGNANO.

'Stou afflicto ?

VISCONTI.

O que tens ?

LAMPUGNANO.

Desesperado ;

Cheio de indignação.

OLGIATO.

Alguma affronta.

Do Duque de Milão ? !...

LAMPUGNANO.

Caros amigos,

Eu venho relatar-vos a injustiça

Que me fez Galeazzo. — Quem diria

Que se attrevesse o Duque a despojar-me

Do Padroado que alcancei do Papa ?

VISCONTI.

Que ! o de Miramondo ?

OLGIATO.

LAMPUGNANO.

D'Abbadia

De Miramondo, sim.

OLGIATO.

Pois Galeazzo

Onsa oppor-se a um favor de Sixto Quarto?

VISCONTI.

Escreve a Sancta Sé.

OLGIATO.

E neste caso

O que intentas fazer?

LAMPUGNANO.

Eu?... só vingar-me.

Basta já de soffrer esse perverso

Filho de um *conductor* de mercenarios,

Que nos roubou a patria e a liberdade.

VISCONTI.

Acálma esse transporte, não te percas ;

Reflectamos melhor.

LAMPUGNANO.

Tão grande offensa

Não, não hade ficar sem um castigo.

OLGIATO.

Não, não hade ficar. — Quereis ouvir-me?

24

OLGIATO.

Vamos agora á casa de Montano,
Vamos com elle consultar.

LAMPUGNANO.

Sim, vamos,

O nosso Mestre saberá guiar-nos.

OLGIATO.

Partamos.

VISCONTI.

Eu tambem vos acompanho.



FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO SEGUNDO.

Vista de sala em casa de Montano; cadeiras, e uma mesa com alguns livros encadernados de pergaminho. Sai Montano de um lado da scena acompanhado de seus discipulos, e encaminha-se para o outro lado, despedindo-se delles.

SCENA I.

MONTANO.

Ide, jovens amigos, e lembrai-vos
Que si eu vos faço exercitar o corpo
Em gymnasticos jogos, não me esqueço
De dar tambem primeiro o alimento
Que vossas almas immortaes reclamam.
Um espirito forte em corpo debil
Em vez de ser senhor torna-se escravo:
Um, para bem mandar deve ser sabio,
O outro ser robusto p'ra servil-o.
Não é incompativel co'a sciencia
A rigidez do corpo; o grande Sócrates
Deo exemplo á Platão desta verdade.
Nunca a fraqueza pôde ser virtude;
E si vossos parentes me censuram,
De vós justiça espero. — Cuida o rico
Pelo prazer e o luxo amollecido

ACTO II.

4

Que o ouro tudo dispensa; — meus amigos,
 Sciencia e força dictam leis aos homens ;
 Tudo o mais é vaidade transitoria ;
 E já houve Monarcha detronado
 Que achou recursos no ensinar meninos.
 Adeos !

UM DISCIPULO.

Vossos dictames seguiremos.

OUTRO DISCIPULO.

Mestre, adeos.

MONTANO.

Ide em paz, meus bons amigos.

SCENA II.

MONTANO (só).

Já que perto de mim adeja a morte
 Quero deixar á geração futura
 Quem a possa servir co' a penna, e a espada.
 Façamos bem aos homens sem reserva
 Só por amor do bem ; nem recompensa
 Devemos esperar: que si em procura
 De um premio, neste mundo, eu só obrasse,
 Teria dado ao mal a preferencia.
 Já tendo sido victima innocente
 Da maldade dos homens... Perseguido
 Tenho errado no mundo, e a toda parte
 Levo os unicos bens, que em mim possuo:
 Um coração tranquillo, e uma alma forte

Pelo amor da verdade ennobrecida.
 Si o que eu faço é um bem, concluir devo
 Que os homens são ingratos... Mas que importa?
 Tu, Sócrates divino, tu meu mestre,
 Victima foste da injustiça humana;
 E quem mais da verdade foi amigo?
 O povo ignaro, habituado ás trevas,
 Amaldiçôa a luz que o incommoda:
 Como um vil criminoso foi punido
 O Redemptor do mundo!... tanto é certo
 Que pr'a o bem não ha premio sobre a terra.
 Não procuremos premio! — Esta existencia
 De nada serve, si pr'a o bem não vale.
 E pois que Deus se apraz em conservar-me
 No posto em que elle mesmo colloca-me,
 Serei firme atalaia; — á mocidade
 Servirei com exemplos e conselhos. (*Senta-se per-
 to da mesa, e pega em um livro encadernado de
 pergaminho*).

Vem, oh meu companheiro da velhice,
 Sempre que te consulto, eu abençoô
 A memoria d'aquelle que instruo-me,
 Co'as tuas sãs doutrinas: vem, amigo,
 Meu divino Platão; tu me consolas
 Nas minhas afflicções; tu purificas
 Meus pensamentos, e me embebes n'alma
 O balsamo sagrado da virtude,

Que dos labios de Sócrates colheste,
 E me enche de vigor. Tu feliz foste:
 Do sabio a flicidade não consiste
 Em transitorios bens, que o vulgo preza;
 Ha outro bem maior, interno e puro
 Que só o sabio e o virtuoso gozam. (*Batem na porta*)
 Quem me vem procurar a estas horas? (*Encaminha-se para a porta*).

SCENA III.

MONTANO, OLGIATO, VISCONTI,
 E LAMPUGNANO.

MONTANO.

Ohi sois vós!...

OLGIATO.

Deos esteja em vossa guarda.

VISCONTI.

Vimos perturbar vosso descanso?

MONTANO.

Não, amigos, si eu posso ser-vos util;
 Posto que velho, prezo a companhia
 De jovens como vós.

OLGIATO.

Para instruir-nos
 Sempre affavel e prompto vos achamos.

MONTANO.

De que me serviriam vus estndos

Si eu não tivesse a quem communicar-os?
 Outros tambem por mim se affadigaram;
 Eu transmitto o que herdei, e pouco ajunto.
 E o mel na flor colhido pela abelha
 Si não servisse ao homem, se perdera.
 Mas que tem Lampugnano?—Não me falla!
 Que olhar tão pensativo!... Que ar tão triste?

LAMPUGNANO.

Desculpai-me, senhor...

OLGIATO.

Justos motivos
 O obrigam a estar triste.

MONTANO.

Ser-me-ha dado
 Saber quaes elles são?

VICONTI.

P'ra isso mesmo
 E' que nós aqui estamos.

OLGIATO.

Lampugnano
 Foi offendido, e nós que amigos somos,
 Não podemos soffrer a sangue frio
 Que um homem só se atreva impunemente
 A calcar com soberba nossos fóros.
 Desejamos ouvir vosso conselho.

MONTANO (*para Lampugnano*).

Dizei, então o que ha?

LAMPUGNANO.

Mestre, não posso.

Julgo melhor calar-me. Eis Olgiato,

E Visconti, que o caso narrar podem. (*Senta-se mediativo*).

OLGIATO.

Pois bem, eu contarei: —sabemos todos
 Que o Papa concedeo o Padruado
 De Miramondo ao nosso Lampugnano:
 Sixto Quarto foi justo nesta graça.
 Agora Galeazzo, que não pôde
 Ver o merito erguer-se, e que não soffre
 Que a virtude ache abrigo sobre a terra,
 Oppõe-se a doação do Sancto Padre
 Em menoscabo da justiça. — Infame !
 Talvez para outorgar essa Abbadia
 A quem não seja digno, á algum perverso
 Que o tenha, nos seus crimes, ajudado.
 Só a gente mais vil, a mais abjecta
 E' quem hoje entre nós cargos merece.
 Ninguém vive seguro. Cada instante
 Um cidadão é victima do Duque.
 Este monstro, do Inferno parto hediondo,
 Enche Milão de horror, de lucto, e sangue.

O clamor é geral. Toda a cidade
 E' um vasto redil de manso gado,
 Onde este feroz lobo não se farta.
 A vida, a honra, os bens, tudo elle rouba!
 Seremos nós tão vís que nem ao menos
 Pelo proprio interesse, e pela vida
 Façamos um exforço, que a justiça,
 O dever nos ordena em alto brado?
 Seremos surdos ao clamor da terra
 Com tanto sangue Milanez regada,
 Sangue, que do assassino pede sangue?
 Ficarão tantos crimes sem castigo?
 Tantas victimas suas sem vingança?
 Teremos nós perdido todo o brio,
 Todo o valor de nossos pais herdado?
 Aconselhai-nos, Mestre, aconselhai-nos;
 O que pensais?—Dizei-nos;—dirigi-nos.

MONTANO.

Eu?...

VISCONTI.

Vosso parecer ouvir queremos.

MONTANO.

Sobre que?

OLGIATO.

Sobre o caso qu'hei exposto.

MONTANO.

Acho que Galeazzo foi injusto.

OLGIATO.

Isso só?

MONTANO.

E que mais quereis que eu diga?
Lamento como vós que assim vivamos
Expostos ao capricho de um tyranno.

OLGIATO.

Nada mais?...

MONTANO.

Nada mais.

VISCONTI.

Será possível?

OLGIATO.

Como! Pois respondeis com essa calma
Quando o furor abrasa nossos peitos?
Quando nos vedes promptos e dispostos
A vingar um amigo injuriado?

MONTANO.

Tambem de Lampugnano sou amigo,
E da sua afflicção parte me cabe;
Mas não me espanta o proceder do Duque.
Muito mais soffri eu, e não vinguei-me.
Eu fui por ordem sua, em plena praça
Açoutado; e porque? todos o sabem,
Por ter sido seu mestre, e ás suas faltas
Dado um leve castigo, que ás creanças

Todos os mestres dão p'ra corregil-as.
 Por amor castiguei-o em sua infancia,
 E elle como senhor de mim viugou-se.

OLGIATO.

É senhor o chamais? sois vós escravo?

MONTANO.

Senhor elle é, não só de mim, de todos :
 O povo todo como escravo o soffre,
 Logo como senhor o reconhece.

VISCONTI.

Cada vez mais me espanta esta linguagem.

OLGIATO.

Si o povo o soffre, é que o temor o prende.

MONTANO.

Pois tanto um homem só temor inspira?
 Terá elle do céo alguma força,
 Ou as potencias infernaes o escoltam?

LAMPUGNANO. (*Levantando-se precipitadamente,
 e com indignação.*)

Potencias infernaes são esses monstros
 Que o defendem, cumprindo suas ordens ;
 Esses sicarios, que co'as mãos armadas
 Sem cessar o rodeam, e nos privam
 Como um muro de ferro de total-o.

OLGIATO.

Lampugnano diz bem. Nunca o tyranno
 Ousa mostrar-se ao povo sem escolta.
 Tanto sua fraqueza reconhece,
 Que busca do terror a salva-guarda.
 Cuidais vós que de tantos offendidos
 Não haja quem medite na vingança?
 A vingança é um nectar saboroso,
 Que só póde acalmar o ardor da offensa.
 Si não fosse o temor que a empreza inspira,
 Ha muito que seu sangue sobre a terra
 Teria de Milão lavado o opprobrio.

MONTANO.

Quem tem medo é escravo.

OLGIATO.

O homem livre

Receia expôr a preciosa vida
 Inutilmente, quando a morte é certa,
 E duvidoso o exito da empreza.

MONTANO.

Quem obra por dever não teme a morte;
 E quem temendo aventurar a vida,
 Prefere uma existencia vergonhosa,
 A uma morte honrosa, não merece
 Sinão a escravidão. — Si de taes homens

Só se compõe o Estado, a tyrannia
Deve ser com razão o seu governo,
E flagellal-os para seu castigo.

LAMPUGNANO. (*Com colera*).

Então vós applaudís do Duque os crimes?

MONTANO

A colera vos cega, e vos impede
De entender o que eu disse. Não approvo
Os crimes do tyranno; mas confesso
Que é necessario as vezes um tyranno
Fero e corrupto, p'ra ensinar aos povos
A defender a sua liberdade.
Não se fórma o tyranno de repente;
O povo é quem o nutre pouco a pouco
Co'a propria corrupção; elle gerado
No luxo estragador, e na injustiça,
Não póde ter diversa natureza:
Filho da corrupção tudo corrompe:
Quando depois a tyrannia avulta
E co' o peso dos crimes nos esmaga,
Todos clamam contra ella. Que diries
Si a terra se queixasse de que os cedros,
Cujas raizes della a vida bebem,
Co' o peso dos seus ramos a incommodam?

OLGIATO. (*com emphase*).

Tambem ha raios para o cedro altivo.

MONTANO. (*Com tom sentencioso*).

Precede ao raio horrivel tempestade.

LAMPUGNANO.

O que quereis então? que nós sofframos,
Visto que o mal de nós origem tira,
Ou porque nossos pais tambem soffreram!

MONTANO.

Quem muito tem soffrido, facilmente
Continua o soffrer, e soffre tudo.

VISCONTI.

São justas as razões do nosso mestre.
Em silencio escutei attentamente,
E agora reflectindo me recordo
Do que ha bem pouco tempo vio Ferrara.

MONTANO.

Lembraes bem.

VISCONTI.

Nicolao, da casa d'Este

Um dos melhores principes, rodeado
De tantos emigrados Ferrarenses,
Pelo Marquez de Mantua protegido,
Protegido tambem por Galeazzo,
A' testa de um exercito apossou-se
De Ferrara, que sob o ferreo jugo
De seu tio, o Duque Hercules, gemia.

Por uma brecha entrou sem resistencia ;
 Todo o povo feixou-se em suas casas,
 Esse povo opprimido e escravizado !
 Nicoláo passeava pelas ruas,
 Promettendo abundancia e bom governo :
 Ninguém á sua voz unio-se a elle !
 E á voz de Sigismundo, esse tyranno
 Irmão do Duque, que até — li medroso
 Occultado se tiuha, todo o povo
 Contra sen protector correo armado,
 Seu antigo tyranno defendendo.
 De Nicoláo correo o nobre sangue ;
 E Hercules Primeiro, em recompensa
 Da fiel servidão de seus vassallos,
 Continuou nas suas tyrannias.
 Tanto é certo que o povo escravizado
 Perde a virtude, a força, a honra, o brio,
 E que nem agradece a quem o serve.

MONTANO.

E' um facto ocorrido em nossos dias.

OLGIATO. (*Com intrepidez*).

E isso o que prova contra o nosso intento ?
 Trabalhamos acaso por salario ?
 E' pelo preço vil da recompensa
 Que a nossa vida á Patria Offerecemos ?
 Eu sei que muitas almas generosas

Abrasadas no amor da liberdade
Se tem sacrificado neste mundo,
Sem extinguir a raça dos tyrannos.
Sei qual a sorte foi de Bruto e Rienzo ;
Sei que em grandes empresas não devemos
No povo confiar ; mas não se segue
Que por elle devamos modellar-nos.
Eu mesmo vi como este povo estulto
Co' o peso dos impostos esmagado,
Correo para applaudir a pompa immensa
Que Galeazzo ostentou n'essa viagem
De Milão á Florença, sem lembrar se
Que esse loxo insensato lhe custava
Duzentos mil florins d'ouro, roubados
As familias, aos pobres e ao bem publico.
Desta somma a metade era bastante
P'ra sustentar na guerra contra os Turcos
Negroponte, perdida sem defeza.
Entim convem prever maiores damnos ;
Não posso mais soffrer tão fero monstro,
Sobejam-me razões para odial-o. (*Para Montano*).
E vós, que em nossas almas embebestes
O amor da liberdade e da virtude,
Por que agora tentais com tal frieza
Extinguir o vulcão que nos devora ?
Si é p'ra mais irritar-nos, ocioso ;
E si para acalmar-nos, impossivel :

Do dever ao impulso não resisto.
 Tu, Visconti, reccias proteger-nos,
 Tens razão . tua irmãa requer teu braço,
 Vive p'ra defendel-a, e sustental-a.
 Quanto a mim, meus amigos não recôo. (*Com deci-
 são, tomando a mão de Lampugnano*).
 Dá-me a mão, Lampugnano; eu te prometto
 Um braço forte, um peito destemido.
 Decedido a se expôr aos golpes todos.
 Vamos junctos morrer.

LAMPUGNANO

Vamos vingar-nos!

OLGIATO.

Adeos! Adeos... (*Querendo sair com Lampugnano,
 Visconti e Montano se oppõem*).

VICONTI.

Olgiato!

MONTANO.

Espera, Olgiato!•

OLGIATO

Deixai-nos...

VICONTI.

Meu amigo, ouve primeiro.

Cuidas que no perigo te abandono?

OLGIATO.

Ah! não; tens uma irmãa !... Vive por ella ;
 Ella é pura e innocente como um Anjo ;
 Deos me preserve, de roubar-lhe o apoio,
 Que deo-lhe o céo.

MONTANO. (*Segurando em ambas as mãos de Olgiato, com ternura, levando-as ao peito*).

Oh joven corajoso !

Meu discipulo amado ! tu coroas
 Os esforços de um velho... Essa tua alma
 E' digna de um Romano de outro tempo.

OLGIATO.

Inda não mereci honra tão grande.

VISCONTI.

Amigo meu da infancia, eu te supplico
 Uma só graça ; escuta.

OLGIATO.

Falla.

VISCONTI.

E' certa

A morte para nós, quer eu te siga,
 Quer te deixe, no caso que o tyranno
 Possa escapar ao golpe que o espera.
 E qual será de minha irmãa a sorte ?
 Já cuido vel-a entregue ás cruceis garras

Desse cruento abutre; arrebatada
 Vejo-a passar de suas mãos infames
 A's mãos tintas de nosso proprio sangue
 Dessa desenfreada soldadesca!
 Oh que só esta idcia me lacera!
 Não, meu amigo, pela Sancta Virgem,
 Não queiras ser a causa da desgraça
 De uma joven que te ama... Escuta, escuta;
 Reflectamos melhor. — Que nos importa
 Viver aqui, ou fóra destes muros?
 Deixemos esta terra malfadada;
 Vamos, vamos viver em outro solo,
 Onde o ar empestado do tyranno
 Não possa nodoar nossa virtude:
 Vamos juntos viver com Angelina;
 Sim, Olgiato, meu amigo! eu te amo,
 E quizerá que tu meu irmão fosses.

OLGIATO (*com a maior perturbação*).

Ah Visconti!!!

VISCONTI.

Olgiato! cede amigo!

OLGIATO.

Oh Deos!... Que me propões, Visconti?

VISCONTI.

A vida!

OLGIATO.

OLGIATO.

A morte, e a deshonra!

VISCANTI.

A' Deos entrega

O castigo do monstro.

OLGIATO (*com resolução estoica*).

Já não posso;

Eu dei minha palavra a Lampugnano.

VISCANTI (*para Lampugnano.*)

Lampugnano, desiste.

LAMPUGNANO.

Se quizeres,

Olgiato, desiste; eu não te obrigo;

Angelina merece um sacrificio.

OLGIATO (*com transporte*).

E minha irmã?...

VISCANTI.

Não lhe darás a vida

Com isso.

OLGIATO.

E a Patria?...

LAMPUGNANO.

Adeos; não te constranja

Minha presença (*querendo sair*).

OLGIATO.

43

OLGIATO.

Espera, eu vou comtigo.

VISCONTI.

Não, tu não sairás. — Assim recusas
A mão de minha irmã?

OLGIATO.

Não a mereço;
Ninguém me deve amar — A minha dextra
Casou-se co'um punhal, e pede sangue.

VISCONTI.

Morrerás, Angelina! O meu amigo
É' quem cruel te cava a sepultura.

OLGIATO.

Eu vou livral-a do feroz abutre
Que me roubou a irmã.

VISCONTI.

Com essa furia,
Cego, tu vás morrer.

OLGIATO.

Deixa qu'eu morra,
Vive tu...

VISCONTI.

Cede amigo!...

OLGIATO.

OLGIATO.

Não.

VISCANTI.

Escuta.

OLGIATO.

Não, não posso.

VISCANTI.

Cruel!...

OLGIATO.

Adeos!

VISCANTI (*repellindo-o de si*).

Pois vai-te.

Coração sem piedade, alma insensível.

OLGIATO.

Adeos, amigos; — Lampugnano, vamos. (*saem*
ambos).VISCANTI (*indo atraz delles*).

Pára! Espera...

OLGIATO.

Não mais.

MONTANO (*só*).

Milão, stás salvo!

FIM DO SEGUNDO ACTO.

ACTO TERCEIRO.

Vista de sala em casa de Visconti.

SCENA I.

VISCONTI E ANGELINA.

VISCONTI (*assentado, com os cotovelos apoiados sobre uma mesa, em attitude de profunda meditação: Angelina em pé*).

ANGELINA.

Caro irmão, o que tens?... Falla, Visconti.
Por que, n'essa tristeza mergulhado,
A' tua irmã occultas os teus males?
Desabafa teu peito. — Por que queres
Aggravar tua dor com tal silencio?
Não sabes qu'en tambem com tigo soffro?
Que melhor confidente achar tu podes?
Talvez melhor que os teus proprios amigos
Eu possa consolar-te na desgraça,
Si é que alguma desgraça aconteceu-te!

VISCONTI (*com perturbação*).

Desgraça, — sim... Mas não me inquiras.

ANGELINA (*com espanto*).

Como!

Não sou eu tua irmã?... A ti ligada,
Sem outro apôio, a tua desventura
Não será também minha?... Acaso pensas
Que não devo saber dos teus segredos
Para não revelal-os?... Tu te enganas!
Um segredo que tanto te incommoda,
Póde ter perigosas consequencias;
E uma mulher ás vezes tem lembranças
Tão repentinas, que attenção merecem.

VISCONTI (*incommodado*).

Ah ! deixa-me, Angelina !

ANGELINA.

Irmão querido,
Por que voltas os olhos, p'ra não ver-me ?
Tanto minha presença te importuna ?

VISCONTI (*impaciente*).

Ah ! deixa-me ; eu te rogo.

ANGELINA (*com mais ternura*).

E me repelles
Com tal dureza ?...

VISCONTI (*amargurado*).

Calla-te.

ANGELINA *(assustada)*.

Que é isto?

Serei eu de teus males causadora?
Então o que fiz eu?... Por que motivo?...

VISCONTI *(com explosão dolorosa, levantando-se)*.

Tu não me deixarás?...

ANGELINA *(suspensa um pouco como querendo suffocar o pranto, e com voz tremula)*.

Eu já te deixei! *(retira-se lentamente, limpando os olhos. Visconti encruza os braços, e caminha para a scena, reflectindo com inquietação)*.

SCENA II.

VISCONTI *(só)*.

Que afflicção é a minha!... ah!... Olgiato
Deixou-me, ingrato, sem querer ouvir-me!...
Que heide fazer?... Seu genio é indomavel,
Ardente, impetuoso;... elle não cede...
Seu coração é duro, inaccessible
Aos encantos de amor;... sua alma estoica
Só de ideias severas se alimenta...
Nada posso fazer para abrandal-o.
Entretanto é mister qu'eu me decida
A tomar um partido agora mesmo...
Seguil-o?... Não; que deixo a irmã sosinha:

Por mim não duvidára... Abandonal-o,
 Vêl-o marchar co'intrepidez á morte
 P'ra salvar meu paiz, e eu, cobârde,
 Ficar, só p'ra gozar l... oh não, não posso!
 Sou seu amigo!... oh dura alternativa!
 Que peso é uma irmã em casos d'estes!
 E que meio haverá?... céos, inspira-me!
 Agora me recordo que Angelina
 Inda ha pouco me disse, que as mulheres
 Teem ás vezes lembranças repentinas...
 Talvez qu'ella me indique alguma ideia.
 Angelina! Angelina!... Mas que faço?
 Deverei confiar este segredo
 A' uma joven?

SCENA III.

VISCONTI E ANGELINA.

ANGELINA (*com resentimento*).

Eis-me aqui, Visconti.

VISCONTI.

Minha irmã...

ANGELINA.

O que tens para ordenar-me?

VISCONTI.

Nada, Angelina;... Eu quero comprazer-te.
 Quero da minha dôr expor te a causa.

ANGELINA (*com ironia*).

Vê bem si eu te mereço confiança.

VISCONTI.

Sim, minha irmã... Desculpa-me, si ha pouco,
Afflicto como estava, repelli-te.

Um segredo importante me atormenta...

Ja sabes que Olgiato busca a morte!..

ANGELINA.

Que ! a morte !... Olgiato ?... E tu que fazes ?

VISCONTI.

A deshonra talvez, sem que meu braço.

O possa sustentar, ou defendel-o.

ANGELINA.

Como assim ?

VISCONTI.

Conspirando contra o Duque.

ANGELINA.

Conspirando ? e com quem ?

VISCONTI.

Com Lampugnano.

ANGELINA.

Com Lampugnano !... Que !... Pois tambem elle ?...

Gentil-Homem do Duque, e seu amigo !

VSCONTI.

Um tyranno feroz não tem amigos,
 E si elle ás vezes um valido escolhe
 E' p'ra ter o prazer de aniquilal-o.
 Galeazzo não quer que haja um só homem
 Que ao menos uma offensa não receba.
 Ja com razão se queixa Lampugnano.

ANGELINA.

E o que se espera desse monstro horrendo
 Que nem da propria Mãe poupou a vida?
 Não foi Branca, Visconti, envenenada
 Em Cremôna?... E quem foi seu assassino?
 Elle, que mesmo aqui a maltratava,
 E alfin a desterrou, p'ra ver-se livre
 De quem o aconselhava p'ra virtude.
 Filho que nem a propria Mãe respeita,
 Que insulta a Natureza e as leis Divinas,
 Como hade respeitar as leis humanas?
 Do inferno a porta está p'ra elle aberta,
 Satanaz o aguarda... A sua morte
 Horrivel deve ser.

VSCONTI.

Talvez bem cedo
 Vá dar contas a Deos de tantos crimes.

ANGELINA (*com enthusiasmo*).

Graças ao Céu! — cumprir-se-hão meus votos!

Já tomo alento mais desassombrada.
 Apareceo em fim uma alma nobre
 P'ra vingar tantas victimas do monstro,
 E dar a paz aos corações das virgens!
 Apareceo um peito, um braço egregio,
 P'ra assegurar a honra das familias,
 E extinguir o veneno em sua fonte!
 Apareceo um joven corajoso,
 Um heróe, p'ra ensinar a um povo inteiro
 A sustentar a sua dignidade!
 E é Jeronimo Olgiato, o teu amigo,
 Esse joven heróe, que tanto empheende!
 Não me enganaram mens presentimentos!
 Aquelle rosto, que a virtude anima,
 Aquelles olhos firmes, fulminantes,
 Aquella voz, que encânta, e attrahe as almas,
 Aquella nobre magestade, impressa
 Em todas as acções e movimentos;
 Tudo nelle um heróe me annunciava. *A*
 En sempre me dizia: — Este Mancebo
 'Stá destinado para grandes feitos;
 Que com tal coração, com tal aspecto
 Ninguem ao mundo vem inutilmente.
 Si eu o estimava, agora...

VISCONTI.

O que? prosegue.

ANGELINA.

Agora... e por que não direi que o amo?
 Alem dos dotes de celeste origem,
 Não é elle de um tronco illustre e nobre?

VISCONTI.

Infeliz!... teu amor bem mal empregas.

ANGELINA (*suspensa*).

Que dizes?... Mal?...

VISCONTI.

Seu coração não sente
 Por ti igual affecto.

ANGELINA (*assustada*).

Ama elle a outrem?

VISCONTI (*com desdem*).

A ninguém.

ANGELINA (*tranquilla*).

A ninguém?... Ah!

VISCONTI.

Sua alma
 Não pertence a este mundo. Outros cuidados
 A separam da terra... Um pensamento
 Só o domina, e para a morte o impelle:
 E' como um sonho de febril accesso,
 Que só lhe mostra em illusorio quadro
 Um ponto luminoso, imperturbavel.

Em seu transporte esquece-se de tudo :
 Firme como um penedo, não se dobra
 A' força das razões, e dos exemplos.
 Nada o pôde vencer ; — nem o teu nome
 De leve o enterneceo ; fugio, deixou-me
 Só para o não ouvir.

ANGELINA (*com espanto*).

Meu nome ! e como ?
 E com que intenção o proferiste ?

VISCONTI.

Não t'ó direi, p'ra não angustiar-te.
 Nunca, nunca pensei!...

ANGELINA.

Não me angustias ;
 Podes fallar... Eu quasi que prevejo.

VISCONTI.

Pois bem, isso te baste.

ANGELINA.

Dize ao menos
 O que querias tu qu'elle fizesse ?

VISCONTI.

Que por amor de ti prezasse a vida ;
 Que deixase Milão com seu tyranno,
 E fossemos p'ra Roma, ou p'ra outra parte,
 Onde viver podessemos tranquillos.

O mundo é grande ! e nunca falta ao homem
Deos, a terra, e o ar ; e com trabalho
Obtem-se o resto.

ANGELINA.

Então emigrar queres ?

VISCONTI.

Fôra resolução mais acertada.

ANGELINA.

E deixarás o amigo exposto á morte ?

VISCONTI.

Elle o quer.

ANGELINA.

E depois, si a Providencia
Der á seu nobre esforço um digno premio ;
Si elle vencer, o que farás ?

VISCONTI.

Viremos

Abraçal-o, e applaudir o seu triumpho.

ANGELINA.

E elle te dirá: —tu me deixaste,
Quando se me antolhava a morte e a infamia;
Tu fugiste de mim, quando eu votava
Meu sangue e minha vida a bem de todos,
O céo me protegeu, vencí, e o povo
Por seu libertador grato me acclama ;
Agora reina a paz na Lombardia ;

Goza tranquillo o fructo da victoria,
 Que meu braço alcançon p'ra meus amigos;
 Goza sem susto; já não ha um monstro,
 Que te infunda terror. — Irmão querido,
 Elle isto te dirá. — E com que rosto
 Serás tu testemunha de seus feitos?
 Teu nobre coração como varado
 Não será de remorsos nesse instante?
 Poderás vel-o, poderás ouvil-o
 Sem que o pejo te roube a cor e a força?
 Sem que nos labios tremulos, sem vida
 A teu pesar subitamente expire
 A voz da gratidão para applaudil-o?

VISCONTI.

Angelina! não mais... Será possível
 Que até a propria irmã assim me exprobe!
 E por que?... Tu não vês que, si eu hesito
 E' só por causa tua? Não reparas
 No grande risco de uma onsada empresa,
 De um temerario arrojo?... Que é mais certa
 A morte, que a victoria... E si eu te deixo
 Só, e me entrego ao impeto da raiva,
 Que me incha o coração ha muito tempo,
 Si eu vou, e morro, — desvalida orfã,
 O que hade ser de ti? — Acaso devo
 Uma vida arriscar, da qual depende
 A tua propria vida, e a honra tua?

Oh meu pai ! oh meu pai ! si vivo fôras,
 Com tigo ella ficára, e abençoado
 Por ti, não esperára alheio impulso
 P'ra ir sacrificar-me pela patria !
 Ah ! minha irmã !... como és cruel e injusta !
 Quão mal de teu irmão conheces a alma !
 Tu convertes em crime, ou em fraqueza
 O que é excesso em mim de amor fraterno ?
 Injusta, injusta irmã.

ANGELINA.

Não sou injusta,
 Ah não ! se te offendi, por Deos te peço
 Que me pordoes:

VISCANTI.

Tu nem reflectiste
 Nas palavras crueis, envenenadas,
 Que contra mim soltaste, como settas,
 Que estão meu coração dilacerando.

ANGELINA.

Basta ! tua bondade reconheço.
 Vejo que é só amor, que me consagras,
 Quem te faz hesitar nos teus deveres.
 Mas escuta: — p'ra que não sacrifiques
 A Patria á tua irmã, nem esta á Patria,
 Façamos outra cousa.

OLGIA TO.

67

VISCONTI.

O que? pròsegue.

ANGELINA.

Vamos todos. — Eu quero acompanhar-te.
O horror ao monstro assaz valor me inspira.
Si o céo nos for propicio, como espero,
Uma parte da gloria será minha,
E si morrermos, juntos morreremos.

VISCONTI.

Que estás dizendo? Que loucura é essa?

ANGELINA.

Dá-me, dá-me um punhal, irei contigo.

VISCONTI.

Repara qu'és mulher, mulher e fraca!

ANGELINA.

Mulher no corpo sou, mas varão n'alma,
E si de homem vestir-me, serei homem.
Dá-me um ferro, e consente qu'eu te siga.

VISCONTI.

Qual ferro! com que mão has de vibrar-o?

ANGELINA.

Com esta! — O mesmo sangue que te anima,
O sangue dos Viscontis em mim corre!
Nem serei das mulheres a primeira

ACTO III.

8

Que pelo seu paiz se sacrifique.
Sempre a Italia foi fertil de Heroínas,
É mais de mil, Milão vio em seus muros!

VISCONTI.

A colera te cega;... não prosigas.

ANGELINA.

E por que?... Cuidas tu que o amor da Patria,
O amor da justiça, o horror ao monstro,
De uma mulher no coração não cabem?
Não temos nós uma alma?

VISCONTI

Mais prudencia,
Minha irmã!... mais prudencia... Ahi vem gente.
Quem me procura?

SCENA IV.

OS MESMOS e OLGIATO.

OLGIATO (*sombrio*).

Teu amigo Olgiato.
Senhora, tenho a honra de saudar-vos.

ANGELINA.

Outro tanto, senhor.

OLGIATO (*para Visconti, apertando a mão*).

Visconti!

VISCONTI.

Amigo.

OLGIATO (*com voz grave e atribulada*).

Sempre o serei. — Abraça-me, e desculpa
 Do meu transporte o excesso. — Eu trago esta alma
 Tão agitada, e o corpo tão molesto
 De continuas vigílias, que nem posso
 No accesso de furor contrafazer-me ;
 De mais, um pensamento grande, — e horrivel
 (Tu bem sabes qual é) tanto me absorve,
 Que esquecido de mim, a nada attendo.
 Arrepellido estou...

VISCONTI (*interrompendo-o*).

Do teu intento ?

OLGIATO.

Ah! não.

VISCONTI (*desdenhoso*).

Então de que !

OLGIATO.

Do meu transporte.

De te haver respondido ardendo em raiva,
 Quando meigo devera agradecer-te
 Um favor, um thesouro, um bem tão grande,
 Que feliz me fizera até sonhando ;
 E que agora um destino fero e duro
 Me obriga a regeitar ! — Fatal estrella

De certo presidio a hora infausta
 Em que a triste Mãe me deo ao mundo!
 Nasci para soffrer! — Obedecemos
 A vontade de céo.

VISCONTI.

Não és tu livre?

Não acuses o céo dos teus delirios.

OLGIATO.

O que sabemos nós sobre esse ponto?!...
 Deos vê tudo; — e o futuro lhe é patente!
 E o que eu heide fazer, e ainda ignoro,
 Elle já sabe.

VISCONTI.

Então és fatalista?

OLGIATO.

Nem eu sei o que sou; — e me confundo
 Quando minha alma abysmo em tal arcano,
 Tambem do que me serve aprofundal-o,
 Si aos homens são vedados taes mysterios?
 Nós só fazemos o que Deos permite.
 A fé é a melhor sciencia humana.

VISCONTI.

Assim é. — Mas... p'ra que tu me procuras?

OLGIATO.

Para que me perdoes, e me abrases.

OLGIATO.

VISCONTI.

E agora qual é o teu intento ?

OLGIATO.

O mesmo.

VISCONTI.

O mesmo ? !...

OLGIATO.

Sim.

VISCONTI.

'Sta bem. — Avante.

Faze o que intentas ; — cobre-te de gloria...

Fique commigo a infamia de deixar-te...

Mas justa causa eu tenho... Deos o sabe (*cobre os olhos
com as mãos, e senta-se*).

OLGIATO (*commovido*).

Tambem eu ;... e só isto ma angustia.

ANGELINA (*com resolução*).

A causa eu sou ; — eu só... Mas já lhe disse

Que se esqueça de mim, ou que me deixe

Acompanhar-vos em tão nobre empreza.

A meu pezar sou causa de uma infamia...

VISCONTI.

Fora melhor que te calasses.

OLGIATO (*para Angelina*).

Como?

Tudo sabeis, senhora?... e conspirada
Não estais contra mim?

ANGELINA.

Por que?... só sinto
Que meu irmão, por mim, de si se esqueça.
Este amor fraternal tão excessivo
E' só quem o flagella, e me constrange.
Ah! senhor Olgiato, eu vos invejo
O nobre pensamento, — e mais que tudo
Invejo a sorte do homem, — Oh malfadada!
Por que nasci mulher?

VISCONTI (*com profundo pesar*).

P'ra meu tormento!

ANGELINA.

E p'ra minha desgraça!

OLGIATO.

Oh, caro amigo!...
Senhora!... por quem sois,... por Deos vos rogo,
Não mais vos afflijais... vossas palavras
São agudos punhaes p'ra meus ouvidos.
Esquecei-vos de tudo, — e de mim mesmo.
Quizera aqui morrer para aplacar-vos.
Eu o culpado sou; — sim, morrer devo,

Eu só,... para aplacar ao mesmo tempo
 A sombra de uma irmã, que de continuo
 Se mostra ensanguentada ante meus olhos,
 Clamando que lhe vingue a honra e a morte,
 E de meu braço a lentidão erimina.
 Não ignorais, senhora, o fim horrivel
 Da minha triste irmã;... Como vós, bella,
 Joven e recatada, não livrou-se
 Das torpes mãos do infame Galeazzo.
 Esta lembrança como um quadro vivo
 Me segue, e me acompanha a toda parte,
 No meu leito, na rua, agora mesmo,
 Agora mesmo se me antolha a imagem
 De minha cara irmã,... em vós a vejo,
 E me pede,... Ah ! senhora, perdoai-me !
 Desculpa-me, Visconti ; — o qu'ella pede
 E' o que tu em meu logar farias.
 Tu inda tens irmã... Temes por ella ;
 Eu p'ra vingar a minha, a morte busco.
 Ah !... Não fosse este o peso que me esmaga,
 Que a vossos pés, senhora, neste instante
 Depuzéra o punhal, e amára a vida,

VISCONTI (*enternecido lançando-se nos braços
 de Olgiato*).

Oh, meu Amigo !... basta... não me tires
 O coração ;... eu louvo o teu intento.

OLGIATO.

ANGELINA.

Senhor,... as minhas lagrimas te espliquem
O que meus labios proferir não ousam.

OLGIATO (*com mdgoa*).

Ai de mim!... Oh mil vezes desgraçado!
Oh minha Mãe!... p'ra que me deste a vida?

ANGELINA (*com ternura*).

Oh, senhor Olgiato!...

VISCONTI.

Meu amigo!

OLGIATO (*suffocado*).

Não posso mais;... o coração me estalla...
Falta-me o ar... suffoca-me... deixai-me... (*querendo
sair, Angelina e Visconti o seguram pelo braço
com ternura*).

ANGELINA E VISCONTI.

Oh Deos!

OLGIATO.

Ah!

VISCONTI.

Tranquilliza-te

ANGELINA.

Sentai-vos. (*Ol-
giato assenta-se abatido, cobre os olhos com
as mãos, e sacode a cabeça como desesperado*).

SCENA V.

OS MESMOS E LAMPUGNANO.

VISCONTI (*espantado*).

Lampugnano!

OLGIATO (*levantando-se d esta voz e em attitude estatica*).

Pois já !!

LAMPUGNANO (*embaraçado*).

Nada é contigo.

VISCONTI (*assustado*).

Então o que lia?

ANGELINA.

Que snsto!

LAMPUGNANO (*para Angelina*).

Nada...

VISCONTI.

Falla.

LAMPUGNANO (*para Visconti*).

E' um particular ;... a ti sómente

Quizera expor, (*para Angelina*)

Senhora desculpai-me.

VISCONTI.

Segredo?!..

ANGELINA.

Que temor me gela o sangue!

VISCONTI (*com sorriso affectado para Angelina*),
Retira-te, Angelina;... contentemos
Ao Senhor Lampugnano.

ANGELINA.

Eu vou. (*aparte*) Qu'è isto!

SCENA VI.

OS MESMOS, MENOS ANGELINA.

VISCONTI.

Podes fallar.

LAMPUGNANO.

Nem mesmo assim me animo.

OLGIATO.

Lampugnano! que novas vens trazer-nos?
Meu coração parece que adivinha.
Não digas.

VISCONTI,

Falla, amigo!

LAMPUGNANO (*para Olgiato*).

E' necessario

Para evitar talvez maior desgraça.

VISCONTI.

Dize já.

LAMPUGNANO.

Galeazzo...

OLGIATO E VISCONTI.

Galeazzo?!...!

LAMPUGNANO.

Sebe já...

VISCONTI (*assustado*).

Sabe o que?

LAMPUGNANO.

Que sacrificio!

VISCONTI.

Não me occultes o mal que tem remedio.

LAMPUGNANO

Só por isso sou nuncio de más novas.

VISCONTI.

E' de minha pessoa que se trata?

LAMPUGNANO.

De outra talvez talvez mais cara...

VISCONTI.

De Angelina!... (*Fica
imovel com os olhos abertos*).

OLGIATO.

O coração presago m'ô dizia!...

LAMPUGNANO.

O Duque sabe qu ella está contigo,
E já...

OLGIATO (*interrompendo-o*).

Não digas mais... prevejo o resto

Oh monstro!... não ha sangue que te farte!

VISCONTI (*como tornando a si com um riso feroz*).

Elle já sabe... e já projecta a infamia!...

Oh!... em vão procurei suster o raio

Elle caiu-me em fim!... Pois bem, agora

Sei o que heide fazer... eu me decido...

Somos tres...

OLGIATO.

O que intentas?

VISCONTI.

Meus amigos,

Angelina nos ouve... Não podemos

Livremente fallar... Algumas ordens

Tenho que dar... Assim ide esperar-me

Um ponco no jardim do Cemiterio

De Sancto Ambrosio.

OLGIATO.

Lá te aguardaremos.

VISCONTI.

Bem. (*Olgiate e Lampugnano dão alguns passos para sair, Olgiate pára, e voltando o rosto para a scena*):

OLGIATO.

69

OLGIATO (*com intenção*).

O praso é ao pé da sepultura
De minha irmã.

VISCONTI.

Ao pé da sepultura!...

OLGIATO.

Sim, lá mesmo.

VISCONTI.

Pois bem...

OLGIATO E LAMPUGNANO.

Adeos!

VISCONTI.

Té logo.

FIM DO TERCEIRO ACTO.

ACTO QUARTO.

Vista de jardim que faz parte do cemiterio de *Santo Ambrosio*, plantado de salgueiros e ciprestes; alguns tumulos de marmore, e entre elles o da irmã de *Olgiato*, que deve estar no primeiro plano, á direita do espectador; no fundo o exterior da Igreja, de architectura lombarda, algumas arcadas em perspectiva, representando ao longe o claustro da Igreja. O céu sereno, e pouco estrelado. A scena é esclarecida pela lua. Do lado opposto ao tumulo mencionado haverá um oratorio de pedra, diante do qual estará uua lampada accesa, suspensa por uma cadeia de ferro.

SCENA I.

OLGIATO, só (encostado ao tumulo de sua irmã).

Es-me aqui, minha irmã!—Nunca *Olgiato*
Esqueceu-se de ti.—Bastantes vezes
Teem minhas preces lugubres vibrado
Os ares deste funebre remanso.
Assaz sobre essa pedra que te cobre
Tenho vertido lagrimas saudosas...
Este é o refrigerio de meu peito,
Triste consolação do malfadado,
Para quem ja não ha lugar no mundo...
Ah! corram minhas lagrimas... ah! corram

Sobre este frio marmor!— Sobre a campa
Bem resoam as lagrimas dos vivos...
Talvez ultimas sejam!— Si eu pudesse
Aqui ficar, como uma dura estatua,
Debruçado sobre esta sepultura,
Em pedra convertido!— Mas do mundo
A voz inda me chama;— e o teu cadaver,
Querida irmã, p'ra o mundo me repelle.
Eu irei, sim, irci, ao teu mandado,
E nem heide voltar sem ter cumprido
O horrendo sacrificio... O punhal tincto,
E gotejando o sangue ainda quente
Daquelle algoz da tua honra e vida
Heide trazer aqui:— heide com elle
Marcar o dia da vingança tua
Juncto ao teu epitaphio; e p'ra memoria
Como um tropheo craval-o nesta pedra.
Não, não me has de escapar; eu te prometto,
Ou heide aqui ficar eternamente,
Como estes que da morte o somno dormem,
Livres do teu furor, livres do mundo. (*Depois de um
momento de pausa*).

Mas ali! nem mesmo a ideia da vingança,
Que de minha alma o ardor refrigerava,
Pode agora acalmar o meu tormento.
Esta afflicção interna, este martirio,
Esta angustia mortal que me suffoca,

E me faz odiar o mundo e a vida,
Como se hade extinguir?—Posso vingar-me,
Mas da vingança é breve o regozijo,
E a pós no coração renasce a mágoa,
E a lembrança da offensa nunca morre.
Oh monstro ! tu não tens bastante sangue
Para nelle affogar as minhas iras.
Eu quizera, rompendo as tuas veias,
Que o teu sangue jorrasse como um rio,
P'ra lavar de Milão o pavimento,
Que por teus pés infames foi calcado.
Quizera retalhar em mil pedaços
Esse teu corpo, a Satanaz vendido,
E com elles dar pasto aos cães errantes.
Mil vidas que tivesses, si as perdêras
Na ponta de um punhal, uma após outra
Entre mil agonias, e mil vascas,
Nem assim pagarias teus horrores.
Não ha tormentos por crueis que sejam
Que igualemente a teus crimes vergonhosos :
Não ha castigo que soffrer tu possas,
Que outros por ordem tua não soffressem :
P'ra ti o inferno todo inda não basta;
Infame matricida, vil devasso,
Nasceste p'ra carrasco, não p'ra Duque.
Grande Deos! onde está tua justiça?
Onde está tua sabia providencia?

Teu amor e bondade em que consistem ?
Porque geras os máos?—ou si os não geras,
Porque consentes qu'elles nos dominem,
Que elles sejam dos bons o atroz flagello ?
Terás feixado os olhos a este mundo,
Tão pejado de horrores, que parece
Um inferno, onde Lucifer só reina ?
Não te accendem as iras tantos crimes ?!
Teus raios onde estão, que os não dardejas
Sobre a cabeça do impio ousado e louco
Que as tuas sanctas leis profana e pisa ?
Oh meu Deos! oh meu Deos! será possível
Que viva, e mando tenha sobre os homens
Um monstro, que te insulta, quebrantando
Teus mandamentos todos, sem que a terra
Se abra para tragal-o, mesmo quando
Elle curvado aos pés dos teus Altares
Te pede que o protejas, e o defendas?..
Fôra melhor que a terra não fizesses,
Si p'ra seres tão máos a destinavas...
Mas... que impiedade é esta?... onde me arrojô?
Que abysmo em meu furor me estou cavando?..
Ah!—Póde a Deos interrogar um homem?!.
Senhor! o teu poder é sem limites,
Tua bondade immensa, inexgotavel,
Perdoa o meu delirio, e nem consintas
Que a esperança e a fé deixem minha alma,

E a blasphemia se abrigue nos meus labios.
 Nada sou, oh meu Deos!—Nada mereço,
 Na minha demencia so te rogo
 Que assaz valor me dês para servir-te,
 Limpando a terra deste novo Nero.
 Si isto mesmo é um crime, não me attendas,
 Não me attendas, Senhor;—eu só desejo
 Em tudo conformar-me aos teus mandados,
 Inda mesmo que não os comprehenda.
 Quem sabe si o tyranno é o instrumento
 Da vingança do céo, como o verdugo
 E' da humana justiça o confidente!..
 Ah!.. si agora uma voz de entre estas campas
 Surgisse p'ra animar-me, ou dissuadir-me!..
 Si algum presentimento, algum presagio
 Me revelasse agora o meu destino!
 Ceos, que me ouvis! oh lua, que escláreces
 O sepulchral horror deste jasigo!
 Estrellas, que brilhaes no firmamento!
 Oh tumulos! Oh sombras! Oh cyprestes!
 Desta medonha habitação da morte!
 Dai-me um signal, eu vos invoco,—dai-me,
 Eu quero, eu ousa até desafiar-vos!
 Sombra de minha irmã! vem, eu te evoco,
 Vem,—mostra-te a meus olhos... oh!!!... E' ella!..
(Treme horrorisado, recua, e depois se enca-
minha para o logar em que se lhe afigura a
sombra, examinando o que se j.º).

Que !.. é uma illusão !.. Fui fascinado
 Pelo clarão da lua entre os cyprestes !...
 Inda visto não tinha aquella estatua
 Que alveja co'o luar !... Como enganei-me...
 Cuidei a sombra ser da irmã querida...
 Mas por mim não altera a Natureza
 Suas leis... Ninguem vem,... ninguem me escuta...
 Só da morte o silencio me responde...
 O coração palpita... arrepiados
 Tenho ainda os cabellos... Que frieza
 Me afrouxa os membros... Minha irmã, recebe
 Este corpo magoado de vigílias,
 E de tormentos, sobre tua campa... *(Em quanto
 diz estes versos com voz cançada, marcha len-
 tamente para o tumulo, e atira-se sobre elle).*
 Ah quando acabarei esta viagem !...
 Ja seu peso se torna insupportavel...
 Oh ! quanto, minha irmã, por ti padeço !
 Quanto perco por ti !—Bella Angelina,
 Recusei teu amor, e tua dextra,
 O coração magoei do meu amigo;
 Entretanto eu te adoro... tu somente
 E's de minha alma o predilecto encanto.
 Quanto perdi !... Tu debes odiar-me... *(Tomando
 repentinamente attitude de quem escuta com es-
 panto).*

Que!... ouvi um susurro... não me engano,
Ouço passos... alguém p'ra qui caminha...

SCENA II.

OLGIATO E VISCONTI.

VISCONTI (*dentro*).

Olgiato l...

OLGIATO.

Visconti l...

VISCONTI.

Tardei muito ?

OLGIATO.

Não.

VISCONTI.

Com quem conversavas ?

OLGIATO.

Eu ?—Co'os mortos,

Que me hão de ver bem cedo no seu reino.

VISCONTI.

Deixemos essas lugubres ideias.

Unde está Lampugnano ?

OLGIATO.

No caminho

Separou-se de mim, p'ra ir á casa

De Montano.

A que fim?

OLGIATO.

P'ra qu'elle venha.

Sua presença aqui é necessaria.

VISCONTI.

Eu inutil a creio. — As cans lhe pesam,
E o fazem reflectir como um medroso
Em criticos momentos. Na cadeira
Sobeja-lhe o vigor para exprimir-se;
Mas já p'ra acção lhe falta aquella audacia
Que só em peitos juvenis se encontra.
Que não venha elle agora dissuadir-nos,
Co' os gelados discursos da prudencia.
Não nos convem ouvir razoens oppostas
Ao nosso firme intento. So nos cumpre
Tratar da escolha de acertado meio,
Que a efficacia da empreza não destrua.
E como ja seu animo definha,
Ou co' o pendor da idade, ou co' o perigo,
Que enorme se lhe antolha, assás receio
Que a sua froxidão nos contagie.
Stou decidido em fim, não me arrependo;
Hei-de ir avante, quando mesmo tudo
Contra mim se conspire; e si Montano

Vier só p'ra indicar razões contrarias,
Eu sairei daqui sem dar-lhe ouvidos.

OLGIATO.

Não importa; devemos attendel-o,
Devemos respeitál-o; é nosso Mestre;
E si a velhice a intrepidez murchou-lhe,
Não lhe roubou com tudo o nobre orgulho
De homem honrado, independente e livre.
Velhice como a delle é respeitavel!
Nós somos filhos de uma tal velhice.
Na corrupção geral, que nos rodeia,
De quem herdamos a nobreza d'alma?
O ardente amor da sancta liberdade,
Que como um fogo gira em nossas veias,
D'onde nos veio? d'onde?—De seus labios.
Foram suas lições que nos ergueram
Da classe desses nobres ociosos,
Distinctos pelo alarde de seus vicios.
Sem elle, talvez nós, menos zelosos
Do pundonor, seguissêmos o trilho
Em que se perdem tantos gentis-homens.
O insulto que vingar nós desejamos
Muitos o sollicitam. Não são raros
Os que feixam os olhos á deshonra,
Que segue o Duque ao centro dos palacios,
Onde tantos esposos o recebem

Com prazenteiro rosto e acatamento,
 Muito se honrando co'a visita sua.
 Eu não sei sem Montano o que seria,
 E o que pensára; assim agradecido
 Confesso o que lhe devo: e não me abato
 O nome publicando de meu Mestre.

VISCONTI.

Nem creias tu que ingrato eu me envergonhe
 De confessar o mesmo; oh não! .. Diverso,
 E mui diverso é isso do que eu disse.

OLGIATO.

Nem eu te exprobro.

VISCONTI.

O que te eu disse, e digo
 E' que tão firme estou no meu projecto,
 Que não ha forças que voltar me façam.
 E quando elle se opponia, argumentando
 Co'a ideia do perigo, nem por isso
 A' morte fugirei, si ella me espera
 Como o unico premio deste arrojô.

OLGIATO.

Nem eu... Mas eil-os já.

VISCONTI (*olhando*).

E' só um homem!

OLGIATO.

81

OLGIATO.

Um só!!... Então Montano !...

VISCONTI.

E' Lampugnano !

SCENA III.

OS MESMOS E LAMPUGNANO.

OLGIATO.

Vens só !

LAMPUGNANO.

Não. Ali vem tambem Montano ;
Mas elle com prudencia demorou-se,
P'ra não entrarmos dous ao mesmo tempo,
Que, como inda transitam, poderia
Suspitar-nos alguém, e até seguir-nos.

VISCONTI.

E' muito réceiar..

OLGIATO.

Vou _esperal-o. (*sai*).

SCENA IV.

VISCONTI E LAMPUGNANO.

VISCONTI.

Dize-me, Lampugnano, de que fonte
A noticia te veio, que me deste?

ACTO IV.

11

E como sòbe o Duque que Angelina
Se acha em Milão, em minha companhia?

LAMPUGNANO.

Cório, seu secretario, foi quem hoje
Em conversa me disse; eu apressei-me
Em prevenir-te logo; o resto ignoro;
Mas difíceis não são as conjecturas:
Naturalmente algum de seus espias,
O seu mouro talvez sòbe, e contou-lhe.

VISCONTI.

Esse mouro !... Inda eu heide baptisal-o,
Mas hade ser com sangue d'elle mesmo:
Esse monro escudeiro do tyranno
Tem a muitos christãos tirado a vida.

LAMPUGNANO.

Eis Montano.

SCENA V.

LAMPUGNANO, VISCONTI, MONTANO,
E OLGIATO.

MONTANO (*como quem continua a conversar*).

Ora pois, Deos não permitta
Que seja este logar um máo presagio.
Conspirar contra os vivos entre mortos!..

OLGIATO.

Entre mortos,—mas victimas do monstro !
Ali está minha irmã !.

VSCONTI.

E vós, oh Mestre,
Prestaes fé a presagios ?

MONTANO.

Os Romanos
Mais sabios do que nós acreditavam.

VSCONTI.

E vós ?

MONTANO.

Eu sou christão.

VSCONTI.

Tambem nós somos.
Deixemos os augurios, e os Romanos.

OLGIATO.

Amigos, estes mortos nos escutam !
Deos nos vê, elle seja nosso guia ;
E de nós o temor afugentemos.
Mestre, vós já sabeis que justa causa
Neste logar nos une. Só se trata
De vingar a justiça, e dar ao mundo
Novo exemplo de amor da liberdade !
Nossa missão é esta. E quando temos

A justiça e a razão do nosso lado,
Temos a força;—e Deos será connosco.

MONTANO.

E ja tendes previsto as consequencias?

OLGIATO E VISCONTI.

Todas.

MONTANO

E não temeis....

OLGIATO E VISCONTI.

Nada tememos.

MONTANO.

Lampugnano ! não fallas?

LAMPUGNANO.

Eu vos oiço ;
Meu intento gravou-se na minha alma ;
Acompanhado, ou só, heide cumpril-o.

MONTANO (*com enthusiasmo*).

Eu louvo, e preso vossa nobre audacia.
Vós me honrais ; si eu morrer não faço falta.
Fiz homens:—cada qual me excede em brios. (*Mu-*
dando de tom).

Porem... si eu vos disser que Galeazzo
Sábe que conspirais contra seus dias !... (*Movimen-*
to de attenção da parte de todos).

Si trahidos estamos...

OLGIATO, VISCONTI E LAMPUGNANO

Nós trahidos!...

OLGIATO.

E por quem?

VISCONTI.

Impossivel!

LAMPUGNANO.

Não importa;

Se isso é certo, empreguemos maior zelo,
 Maior actividade. Hoje façamos
 O que amanhã talvez seja impossivel.

OLGIATO.

Não percamos o tempo: agora mesmo
 Vamos a toda parte procural-o,
 Cada qual p'ra seu lado; e morra o infame
 Onde estiver.

VISCONTI.

Pois bem. Morra.—Partamos (*Todos, excepto Montano, dão alguns passos para sair*).

MONTANO (*pegando no braço de Visconti*).

E tua irmã!... (*Olgiato e Lampugnano pdram*).

VISCONTI. (*puxando o braço*).

Não me falleis mais n'isso.

Agora minha irmã é só a morte (*continuam a andar*).

Esperai, esperai, quero primeiro
 Abraçar-vos (*abrindo os braços para abraçar a todos*).

Oh, bravos gentis-homens!
 Meus amigos! Meus filhos! Meus discipulos!
 Desculpai-me. Eu só quiz experimentar-vos.
 Vosso valor, porêem, vossa constancia
 Agora me confundem. Meus discursos,
 Minha frieza, tudo foi astucia
 P'ra melhor conhecer vossa coragem.
 Posso agora fallar-vos. Quem conspira
 Deve p'ra morte olhar com rosto firme.
 Os perigos prever, e desprezal-os:
 Sobre isso dispensais os meus conselhos.
 Mas, dizei-me: que plano haveis traçado?

OLGIATO.

Nenhum por ora.

VISCONTI.

Eu creio que devemos
 Ir ao palacio, e mesmo em audiencia
 Feril-o.

MONTANO.

E' temerario esse projecto;
 Ninguem se chega ao Duque, a sua guarda
 Sem cessar o rodicia

LAMPUGNANO.

Então podemos

No jardim esperal-o: elle costuma
As vezes passear co'a esposa, e filhos,
Mal escoltado.

MONTANO.

S'isso for possível

Além da espera, té que o dia chegue,
Não passareis de occultos assassinos.

OLGIATO.

Não ; assassinos não ! antes morramos.
E saiba o mundo todo quem nós somos.
Um lugar procuremos onde o golpe
Falhar não possa, e seja ao mesmo tempo
Bem patente, e p'ra nós de grande risco.
Amanhã vai o Duque a Sancto Estevam
Com toda a sua cõrte, acompanhado
Do Embaixador de Mantua, e o de Ferrara,
Como é de uso assistir áquella festa.
E' boa occasião ; junctos á Pia,
Podemos aguardal-o; e n'um momento
Ao entrar, nós iremos recebê-lo
Nas pontas dos punhaês, entre o tumulto.
D'est'arte é impossivel qu'elle escape.
Eu creio que o terror será tão grande,
Qu' estupefactos todos, e indecisos

Nos deixarão sair; então iremos
 Chamar o povo ás armas, dando vivas
 A' liberdade: o povo já sem medo
 Do tyranno, hade á nossa voz seguir-nos.

VISCONTI.

Não escolhamos mais.

MONTANO.

E' nobre e ousado
 Esse plano; e depois?

OLGIATO.

Convocaremos
 O Senado.

MONTANO.

E a Duqueza?

OLGIATO.

O que for justo
 O Senado fará.

MONTANO.

E seus dous filhos,
 João, e Hermes?

VISCONTI.

Que morram! Extinguamos
 Toda a raça dos Sforzas, todos esses
 Irmãos de Galeazzo: Luis Mouro,
 Octaviano, Ascanio, e o Duque Bari.

OLGIATO.

89

OLGIATO.

Esses sim ; mas os filhos !... innocentes
Creancinhas ! que mal fizeram elles ?

VISCONTI.

Tambem Deos castigou a raça humana
Pelo crime do pai, do homem primeiro.
O peccado de Adam, peccado é nosso.

OLGIATO.

Pois que nunca governem, mas que vivam,
P'ra que a infamia do pai sobre elles pese.
Longe de nós a barbara vingança,
E a sêde de matar. Ah ! não manchemos
Co'o sangue da innocencia a nossa gloria.

LAMPUGNANO.

Assim seja !

VISCONTI.

Pois bem ; morra o tyranno,
E dos mais não tratemos.

MONTANO.

Meus amigos,
Nós temos decidido sobre a terra.
Mas ha no céu quem mais que nós decide ;
Invoquemos seu nome, e seu soccorro :
Digne-se elle approvar o nosso intento ;
Tudo com Deos ; Deos seja o nosso guia.

ACTO IV.

12

OLGIATO (*pondo um joelho em terra de frente do Oratorio de pedra, os mais fazem o mesmo.*)

Oh Sancto, protector desta Cidade,
Do povo Milanez guarda e esperança,
Nosso concidadão, oh grande Ambrosio,
Si o nosso intento de expelir p'ra longe
A impureza, o crime, e a tyrannia
A tua approvação merece, roga
A Deos por nós, que vamos corajosos
A patria libertar...

TODOS. (*levantando-se*).

Assim Deos queira (*Querendo retirar-se, cde a lampada no chão ; pdram todos com signal de horror*).

OLGIATO.

Que presagio fatal!...

MONTANO.

P'ra o Duque.

VISCONTI.

Vamos.

FIM DO QUARTO ACTO.

ACTO QUINTO.

Vista de uma sala ricamente adornada, pertencente ao consistorio da Basilica de S. Estevam, habitação de Arcipreste: largas janellas no fundo com vidros de variadas cores; portas lateraes, devendo a da entrada, no lado esquerdo do espectador, ser de madeira, que possa cair com estróndo. — Ao levantar o paño, Olgiato, com Angelina pela mão direita, recebe com o braço esquerdo o abraço de Montano. Em quanto este falla, Visconti e Lampugnano tambem alegremente se abraçam, com as mãos dadas vão depois lentamente para a janella, onde fingem conversar.

SCENA I.

MONTANO, OLGIATO, ANGELINA, VISCONTI,
E LAMPUGNANO.

MONTANO.

Une teu peito ao meu;— sente, Olgiato,
Como meu velho coração palpita
Com vigor juvenil, cheio de gosto!
E' por ti, é por ti qu'elle assim bate! (*voltando-se
para Angelina*).

Senhora, permittí, que hoje meus labios
Da esposa de um amigo a dextra rossem. (*Indo beijar-lhe a mão, Angelina immediatamente abaixa a cabeça, e beija a de Montano, que procura arredal-a*).

OLGIATO.

ANGELINA.

Respeitavel Montano, a vossa, a vossa.

MONTANO.

O céo vos abençõe. (*aperta a mão de Angelina contra o peito*).VISCONTI (*no fundo*).

Não reparas

Que o povo se retira!

LAMPUGNANO.

Eu vou á Igreja

Fallar com o Arcipreste; talvez haja
Alguma novidade.OLGIATO (*voltando a cabeça*).

Não. E' sedo

O Duque vem mais tarde.

MONTANO.

Eu vou á Missa.

OLGIATO.

Nós já ouvimos uma, e como o frio
Nos fazia tremer, o Arcipreste
Nosso amigo, que via-nos gelados,
Nos trouxe para aqui, onde esperamos.

MONTANO.

Amigos, eu já volto.

Eu tambem desço. (*saem ambos*).

SCENA II.

OLGIATO, ANGELINA E VISCONTI.

VISCONTI.

Posso agora morrer! — Minha Angelina,
 Eu dei-te um protector, dei-te um esposo
 Digno de teu affecto, e de teu sangue.
 Elle achará em ti todas as graças
 De que é merecedor. Serás senhora
 D'aquelle coração, onde imperava
 Só o amor da Patria, e o da justiça.
 Aquella dextra é tua! — aquella dextra
 Votada á Patria, vai colher os louros
 Que hão de cingir-lhe a fronte neste dia
 Em que has de recebel-o nos teus braços.
 Teu dia nupcial será marcado
 Co'um grande feito em pról da liberdade ;
 E quando o anniversario festejares
 D'este dia de gloria, um povo inteiro
 Hade unir sua voz aos teus accentos,
 E de Olgiato repetir o nome
 Entre mil vivas e festivos hymnos (*para Olgiato*).
 Amigo! meu Irmão! — minha alegria

E' tal que até dissipa o véo sombrio
 Que o horisonte da vida nos envolve.
 Já não vejo o perigo; e so a gloria
 No porvir radiante se me antolha.
 Já me parece a empreza concluida,
 O tyranno sem vida, e o povo livre.

OLGIATO.

Igual prazer mē absorve, e me arrebatá!
 E minha alma anciosa em seus transportes,
 Até parece não caber no peito.
 Dentro de mim eu tenho um paraiso,
 Tenho um céo de prazeres inefaveis!
 Em torno a mim sorri-se a Natureza!
 O céo, o sol, o ar, a terra, tudo.
 Como que agora á voz de Deos se eleva
 Do cáhos p'ra saudar-me! — oh que ventura!
 Este dos dias meus é o primeiro!
 Angelina! meu anjo! minha esposa!
 Que f'licidade a esta se compara?
 A teu lado p'ra mim surge a alegria,
 Que ao tumulo baixou co'á Irmã saudosa.
 Ondas puras de vida se deslisam
 Dos teus olhos aos meus, e me restanram
 O animo quebrado e muribundo:
 E para maior bem, e maior gloria,
 O mesmo fogo que men peito abrasa,

E em longo tempo consumio-me a vida,
 Arde em teu coração em chamma intensa.
 Tua alma como a minha o vicio odeia,-
 E contra um vil tyranno se conspira.
 Viverás sem temor; tua virtude,
 Para intacta ficar, não necessita
 Do mundo aos olhos tímida occultar-se;
 Não, ninguém haverá que te amedronte:
 É p'ra o monstro que vive, é dada o hora
 De ir responder ao tribunal eterno.
 O punhal aqui está;... e a mesma dextra
 Com que jurei-te amor, hade brandil-o,
 P'ra que teu coração, ermo de susto,
 Palpite juncto ao meu, e alegre viva.

ANGELINA.

Ah!... meu esposo!... agora á par da gloria
 De ser tua, é que sinto um duro espinho
 Me traspassar o peito. — Antes quizera
 Que não deveses hoje offerecer-me
 Um punhal, e uma dextra ensanguentada;
 E... Deos sabe o que mais!. Eu não pertendo
 Co'a minha timidez acobardar-te;
 Mas desde hontem, que o Irmão de ti fallou-me,
 Desde a passada noite, em que cedeste
 Aos votos de Visconti, e aos meus occultos,
 Comecei a temer por tua vida:

Amor é sempre assim; por isso espero
Que de ti menos digna não me julgues.

OLGIATO (*segurando na mão de Angelina*).

Cara esposa, dissipa esses temores;
Nós venceremos; — juro por teus olhos.

VISCONTI.

O céu nos hade proteger.

OLGIATO. .

De certo.

ANGELINA.

Queira o céu.

OLGIATO.

Por que não! o céu é justo.

ANGELINA.

Com tudo... em sacrificio voluntario,
De minha vida eu dera a melhor parte,
Para que se evitasse esse perigo.

OLGIATO.

Qual perigo! — é só gloria!

ANGELINA.

Gloria! e o susto?

VISCONTI.

Não te afflijas, irmã, pensa nos louros,
E o teu animo de hontem hoje invoca.

OLGIATO.

97

ANGELINA.

Hontem não éra' esposa !

VISCONTI.

Eras amante,
E de Olgiato as virtudes te encantavam.

ANGELINA.

Amantes taes como eu prezam a gloria,
Mas a esposa quer paz.

OLGIATO.

Paz nós teremos,
Tranquilla, honrosa, quando libertada
A Patria, da oppressão que nos avilta,
E prumos colher seus saborosos fructos.
É de mais, poderia eu possuir-te.
Sem esta tempestade momentanea?
Tanta ventura a seu furor só devo.
Deveria o esposo de Angelina
Ser um homem sem nome, occulto e fraco,
Que não sòbesse defender co'a espada
O seu bem, sua esposa, e seu thesouro?
É que uma alma de fogo não tivesse,
Onde o incenso de amor perene ardesse,
Cujo aroma elevasse até as nuvens,
Hymnos em teu louvor, em honra tua?!

ANGELINA.

Nunca, nunca, isso não. Um nobre orgullo

ACTO V.

13

De meu peito se apossa aos teus accents ;
 Nem meu temor é tal, qu'eu me degrade
 A infundir-te n'alma a cobardia.
 P'ra ser digna de ti devo elevar-me,
 Bem o sei... mas eu te amo... e digo tudo.

OLGIATO.

Ah que thesouro o céo me ha concedido !
 Oh Anjo de candura ! oh peito egregio !
 Que se ha de unir ao meu ! eu te agradeço
 Tanto amor, e bondade. Na tua alma
 Ao travez de teus olhos, claramente
 Vejo o prazer mesclado de agonia,
 Como uma nuvem palida que gira
 Em torno do planeta fulgurante.
 Mas a um grito de gloria, que não tarda,
 Fugirá essa nuvem momentanea,
 Como ao raiar da aurora os olhos se abrem,
 E os vapores do sonho se dissipam (*Ouve-se tropel
 na escada*).

SCENA III.

OS MESMOS E LAMPUGNANO.

LAMPUGNANO (*com furor*).

Oh desesperação !

ANGELINA (*assistando-se*).

Meu Deos !

OLGIATO.

99

VISCONTI.

Que é isso?

OLGIATO.

Que ha de novo?

LAMPUGNANO.

Ah tyranno! Inda este dia!

OLGIATO.

O que fez?

VISCONTI.

Algum crime?

LAMPUGNANO.

Antes mil crimes

Por despedida ao mundo elle fizesse,
Mas não nos escapasse. Dos seus crimes
O maior para mim é a existencia.

OLGIATO

Como assim?

LAMPUGNANO.

Nossa empreza está burlada.

OLGIATO E VISCONTI.

Burlada!...

OLGIATO.

Então por que?

LAMPUGNANO.

Não vem o Duque.

100

OLGIATO.

VISCONTI.

Não vem?

OLGIATO.

Não pode ser.

LAMPUGNANO.

E' o que digo.

Satanaz o protege.

VISCONTI.

Algum aviso.

LAMPUGNANO.

Só do Inferno.

ANGELINA.

Quem sabe si trahidos.

OLGIATO (*para Angelina com raiva, des e persuasão*),

Ah! não; não é possível.

LAMPUGNANO.

Não, de certo,

ANGELINA,

Então porque não vem?

OLGIATO.

Talvez qu'elle hontem

Em algum lupanar se demorasse,
E hoje cansado do prazer impuro,
E do excesso de vinhos e iguarias,
Não possa ter-se em pé.

OLGIATO.

111

VISCONTI.

Ha de ser isso.

LAMPUGNANO.

Não sei qual seja a verdadeira causa.
Acaba de informar-me o Arcipreste,
Com quem fallei, que esta manhã o Duque
Mandou chamar o Bispo, p'ra que fosse
Celebrar na Capella do Palacio.

OLGIATO.

O Bispo foi?

LAMPUGNANO.

Não sei; mas é provavel.
Ja ninguem mais espera pelo Duque.

OLGIATO.

Será crível que o céo guarde seus dias?!

SCENA IV.

OS MESMOS E MONTANO.

MONTANO (*alegremente*).

Exultai, exultai! Debalde o Inferno
Procurou defender o seu amigo :
Deos o conduz ao altar do sacrificio.

OLGIATO (*transportado de alegria*).

Oh felizmente!

OLGIATO.

VISCONTI.

Então não foi o Bispo?

MONTANO.

Não; razões poderosas o impediram.
Do palacio chegou um mensageiro,
E annunciou que o Duque não tardava.
Esteve alli contando ao Arcipreste
Que Galeazzo abatido amanhecêra.

OLGIATO.

Não me enganei; a noite foi lasciva!

MONTANO.

Ergueo-se pensativo e taciturno.
Não se sabe si algum terrivel sonho,
Cuja recordação inda o afflige,
O somno perturbou-lhe toda a noite.
Elle porém não diz...

VISCONTI.

Algun presagio!

O coração ás vezes adevinha.

OLGIATO.

Os remorsos talvez...

LAMPUGNANO.

Remorsos! Elle?

Elle que nunca os teve! Alma de lôdo

Insensível a tudo! Elle, que zomba
De tudo quanto os homens mais respeitam!

OLGIATO.

Si remorsos não tem, tem medo ao menos.
O medo é o abutre dos tyrannos.
Elle se apraz ao crime, ri-se, e folga,
Mas do assassino a sombra o amedronta,
E sua escolta o prova. Estou bem certo
Que muitas vezes no prazer ardente
Ha de ao menor estrepido gelar-se.
Nem os sonhos lhe invejo, e seu socego.
Assim mais pune o medo que o remorso.
Continuai, o resto?

MONT'NO.

Galeazzo

A seu pesar forçado a vir ao templo,
Foi vestir-se, e tomou sua couraca.
Com que sempre medroso o peito forra:
E depois, como si ella o opprimisse.
Arrancou-a, e lhe poz o pé em cima.

LAMPUGNANO.

Tanto melhor, virá sem armadura.

VISCONTI.

Mais depressa o punhal lhe ha de ir ao peito.
Sem resistencia, o coração varai-lhe.

Deos decretou-lhe a morte, vós o vedes.

VISCONTI (*para Montano*).

E o que mais ?

MONTANO.

Quiz depois ver seus dous filhos;

E como si esta vez ultima fosse,
 Quiz faltar os seus olhos em miral-os.
 Abraçou-os mil vezes, e beijou-os:
 E viram mesmo de seus rubros olhos
 Distillar uma lagrima, como essa
 Que o moribundo verte quando expira.

ANGELINA.

Coitado !

MONTANO.

Ambos os filhos assentados
 Sobre os joelhos seus, o afagavam
 Co'um sorriso infantil. Vendo o mais velho
 Correr aquella lagrima, enxugou-a,
 E lhe disse: » Meu Pai, estás chorando!
 Nunca assim nos beijaste. » — Nisto o Duque
 Suspirou. (*Angelina enxuga os olhos, e Olgiato
 procura disfarçar a sua commoção*).

LAMPUGNANO.

Não tenhaes delle piedade.
 Muito se tem chorado. Muitas faces

Inundadas de pranto, e maceradas
 Por causa delle, nunca o abalaram,
 Nem lhe empeceram o infernal sorriso
 Da perversa e feroz brutalidade.

ANGELINA.

Oh! porqu'elle é tão máo!...

OLGIATO.

Si assim não fosse
 Ao ouvir tal narração me commovêra.
 Felizmente nenhum de nós tem filhos.
 Ah si um raio do céo o illuminasse!
 Si elle aos pés dos altares compungido
 Perdão a Deos pedisse.

VISCONTI.

Que alma é essa
 Que conspira, e lamenta o inimigo!
 Queres chorar agora?

OLGIATO.

Meu Amigo,
 Eu não sou assassino. Só Deos sabe
 Que grande sacrificio á Patria faço!

LAMPUGNANO.

Assassino é o monstro. Nós cumprimos
 Um sagrado dever.

OLGIATO.

Dever terrivel!...

Mas — cumpra-se. — Jurei, não me arrependo.

MONTANO (*com ironia*).

Não te vas arriscar com tal ternura...
Da convulsiva mão pode cair-te
O pesado punhal no duro trance.

OLGIATO.

Não receieis, Montano ; hei-de mostrar-vos
Que de vós recebi lições de esgrima :
E si a dextra tremer, o que duvido,
De minha irmã a sombra hade ajudal-a.

MONTANO.

Bom será que não falte esse socorro.

OLGIATO.

E si esse me faltar, eu tenho a esposa...
Vejamos o punhal (*tirando o punhal; e fazendo alguns
movimentos com ar de riso*)...

Creio que assenta

Na minha dextra um ferro! (*para Angelina, que
parece absorvida em um profundo pensamento*).

...Não te assustes...

ANGELINA (*tornando a si como inspirada*)..

Não!—Eu sou tua esposa! (*Levando repentinamente
a mão ao punhal que Olgiato empunha, sem com
tudo o tirar: movimento de susto da parte de
todos*).

OLGIATO (*recuando a mão*).

O que pertendes?

ANGELINA.

Cede-me esse punhal por um momento,
Eu quero só beijal-o, e ja t'o entrego...
Que podes recceiar?

OLGIATO (*entregando o ferro, e acompanhando todos os seus movimentos com os olhos*).

Eil-o.

ANGELINA.

Este ferro
Vai restaurar a antiga liberdade !
Olgiato ! Sou eu... a tua esposa,
A patria, a tua irmã, que neste instante
Te armau com elle a dextra (*entrega o punhal*).

MONTANO.

Oli heroína !

VISCONTI (*abraçando Angelina*).

Es minha irmã !

OLGIATO (*em transporte de alegria*).

Es minha esposa!... Esta arma
Commigo voltará mais saptisfeita,

E ensanguentada ficará p'ra sempre. (*Como inspirado*).

Dia da liberdade, eu te saúdo.
Oh sol, não volverás ao teu occáso
Sem que um grito de gloria a ti se eleve !
Espalha tua luz sobre esta terra
Tão fertil em heroes em todo o tempo.
Si ha Neros entre nós, tambem ha brutos !
Oh bello céo da Italia ! tu que ouviste
De um povo inteiro os funebres suspiros ;
Tu que viste do fero Barba-roxa
A espada rutilar como um cometa
Em torno de Milão, de guerra e fome
Moribundo, e afogado em proprio sangue ;
Tu que viste estes muros arrasados,
Esta cidade em combros de ruinas,
E sobre elles carpindo-se as viúvas
Dos filhos procurar os brancos ossos :
Tu que viste, e inda ves tantos horrores,
Hoje comnosco exulta de alegria !
Ah cobre-te de gala, e te prepara
Para ouvir nossos hymnos de victoria.
É vós, supremo Deos, a cujo impulso
Obedecem os mundos ; vós que tendes
Em vossas mãos a sorte dos imperios ;
Vede si um sancto fogo nos abrasa,
Si é justo nosso horror á tyrannia,

E vigorai, senhor, os nossos braços.
 Treme, treme, Galeazzo, entre teus guardas,
 Dize um adeos á vida, e vem, infame!
 Pela ultima vez manchar o Templo;
 Has de beijar-lhe a porta,—porem morto.
 Tremei, escravos, que escoltais o monstro,
 Apontai vossas duras alabardas;
 Dentro de vosso circulo de ferro
 Hade a morte cair por nós mandada,
 E co' sangue do tigre salpicar-vos. *(ouve-se o toque
 do sino, e sons de trombeta, que annunciam a
 chegada do Duque).*

VISCONTI.

Eis o signal!...

LAMPUGNANO.

O Duque!...

OLGIATO.

Eia!... partamos,
 Sem demora... Um braço *(para Angelina, que co-
 bre os alhos com uma mão, e com a outra abraça
 a Olgiato, que faz o mesmo).*

ANGELINA.

Adeos!...

VISCONTI.

Montano,

Ficai com Angelina;... consolai-a...

OLGIATO.

OLGIATO.

Sim, ficai... Até já.

LAMPUGNANO.

Longe a tristeza. (*caminham todos para a porta*).

TODOS.

Adeus!...

MONTANO.

Ide com Deos, voltai com elle!...

SCENA V.**ANGELINA E MONTANO.**ANGELINA (*olhando para a porta*).Ah!... (*enxuga os olhos*).

MONTANO.

Senhora, escutai ;... vinde assentar-vos.

ANGELINA.

Que momento cruel para uma esposa! (*dando alguns passos para a scena*).

MONTANO.

Maior depois será vossa alegria.

ANGELINA.

Aquelles sons vibraram na minha alma,

E me encheram de horror até os ossos.

MONTANO.

Nada mais natural; eu que sou homem
Pelo rigor dos annos enrijado,
Um abalo senti naquelle instante.
O prazer tambem causa igual effeito...
Mas desconçai, sentai-vos.

ANGELINA.

Não; eu quero
Ver tudo da janella.

MONTANO.

Eu não consinto,
Conversemos...

ANGELINA.

Não sei, sinto uma angustia
Que me entrecorta a voz... nem fallar posso.

MONTANO (*com emphasi*).

Vosso valor será cantado um dia!

ANGELINA.

Que valor!... ja não tenho... tremo toda.

MONTANO.

Reposai... (*um rumor surdo da parte de fora que
crescerá pouco a pouco*).

OLGIATO.

ANGELINA.

Não ouvís?...
MONTANO.O que?...
ANGELINA.

Os vivos!...

Vivas a Galeazzo!...
MONTANO.

Isso que importa?

O povo juncto só diz viva, ou morra ;
Morra—logo dirá.
ANGELINA.

O rumor cresce.

FÓRA (*muitas vozes*).Traição... traição...
ANGELINA.

Traição!...

FÓRA.

Morreo!... Mataram!

MONTANO.

Ouvís?... Morreo o Duque.
FARA.

Morra!... morra!...

ANGELINA (*com anciedade*).

E agora... para quem serão taes gritos?

MONTANO.

Para o Duque.

ANGELINA (*inquietada*).

Não, não... s'elle está morto,
Como inda gritam — morra !...

MONTANO.

Sempre o povo
Dá vivas a quem vive, e morra ao morto.

ANGELINA (*correndo para a janella do fundo*).

Vós me illudis. Deixai-me; quero ir vel-os;
Quero ao povo lançar-me...

MONTANO (*impedindo-a*).

Que loucura !

Retende-vos, Senhora !

ANGELINA (*ja na janella, olhando para a rua*).

Não!... Deixai-me.

Quero ir morrer com elles... Ah! não vedes
Que jogam com pedaços de um cadaver?!...

MONTANO.

E' o Duque...

ANGELINA (*na maior desesperação*).

Não é.... E' Lampugnano!..

Vede... vede a cabeça!..

MONTANO.

Si elles vivem...

ANGELINA (*fazendo esforços para sair, Montano a sustem pelo braço*).

Pois eu quero abraçar-os...

MONTANO (*tropel na escada*).

Eil-os todos!..

ANGELINA.

Onde estão?

MONTANO.

Não ouvis passos na escada?

SCENA VI.

OS MESMOS, E VISCONTI (*que entra ferido mortalmente*).

ANGELINA (*recebendo Visconti nos braços*).

Ah! meu Irmão... Ferido!... E meu esposo!...

Onde está? Já não vive?.. Irmão, não fallas?

MONTANO (*segurando em Visconti*).

Visconti!

VISCONTI (*caindo*).

Adeos!.. Eu morro...

ANGELINA (*estática de horror*).

Ah!

MONTANO.

Dia infausto!

OS MESMOS, E OLGIATO (*que entra precipitadamente, com o punhal na mão ensanguentado*).

OLGIATO (*com um riso feroz*).

O tyranno morreo... Eis o seu sangue.
Céus! que vejo! Visconti! Meu amigo!
Morto! Oh Deos! Oh desgraça!.. Minha esposa!..
Gelada! (*Angelina, que até alli estava em pé horro-
risada, olhando para Visconti com os braços
erguidos, e estatica, cai nos braços de Olgiato*).

MONTANO (*corre, e feixa a porta; grande tropel na
escada*).

Que rumor!... Eil-os... (*a porta cai sobre
a scena, entra a soldadesca*).

OLGIATO.

Tyrannos!

MONTANO.

Nascemos p'ra morrer; morramos todos;
Dâ-me a esposa; defende-te. (*tira-lhe Angelina dos
braços*).

OLGIATO* (*rodeado da multidão*).

Sicarios!

Escravos! Eis-me aqui ... em vossas garras.
Morre quem vos quiz dar a liberdade.

(A soldadesca e o povo).

Ao cadafalso! ao cadafalso!

OLGIATO *(ja de rastos).*

Vamos!

A morte é dura! mas a gloria eterna.

Angelina!.. *(Montano cai com um joelho em terra:*

Angelina, que está em seus braços, fica com a cabeça apoiada sobre o joelho levantado, e o resto do corpo no chão).

MONTANO.

Oh meu Deos!... Misericordia!

FIM.

A lista dos Srs. subscriptores irá em outro volume.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).